

# Entre ficar e partir



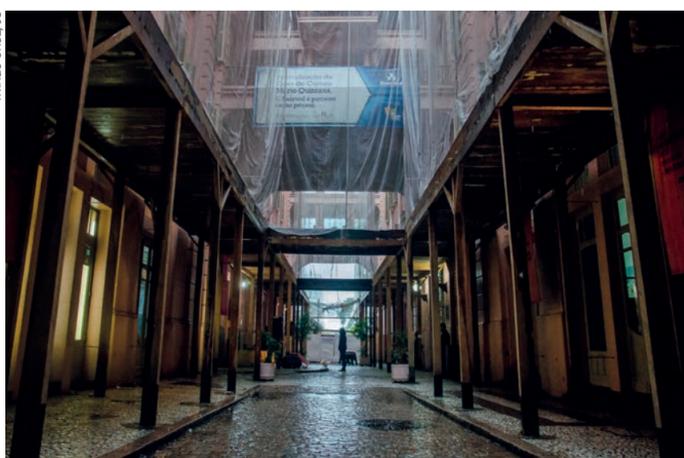
FABIANO OLIVEIRA/JU

**Metade Norte** Uma das regiões tidas como a mais rica do estado vem sofrendo acentuado encolhimento populacional devido a fatores como a monocultura e a falta

de oportunidades capazes de motivar os jovens a permanecerem no interior. No entanto, exemplos como o de Juciê Andreatta vão na contramão dessa tendência, com a

aposta em pequenos empreendimentos que garantem uma possibilidade de futuro. Morador da comunidade de São João da Bela Vista, interior de Jóia, ele instalou

um aviário em casa, cuja produção diária abastece os estabelecimentos comerciais, as creches e as escolas da cidade. **CadernoJU**



THIAGO CRUZ/JU

## EMPREENDEDORISMO

### Jovens investem em negócio próprio

Professores do curso de Administração da UFRGS têm observado que os estudantes, que antes buscavam atuar em empresas já consolidadas, hoje procuram inovar, fugindo do caminho tradicional. Apesar dessa tendência ser incipiente no país, os docentes alertam para o alto risco dos novos empreendimentos e dizem ser necessárias persistência e capacidade para lidar com frustrações. **P5**

## ESCOLA DE DESENVOLVIMENTO

### Aposta na qualificação dos servidores

A Pró-reitoria de Gestão de Pessoas da UFRGS lançou em julho a Escola de Desenvolvimento de Servidores. São oferecidas bolsas mensais de estudo àqueles que decidirem reiniciar sua formação em todos os níveis: ensino fundamental, médio, graduação e pós-graduação. Também estão disponibilizadas aos técnicos bolsas de estudo para cursos intensivos de inglês. **P6**

## GESTÃO

### Viabilizando a cultura

O insuficiente repasse de recursos à Cultura em todos os níveis de governo é um dos principais fatores para a forte dependência das associações de amigos, seja na captação de recursos privados ou na proposição de projetos para buscar benefícios com as leis de incentivo. **P13**

## Cooperação une UFRGS a Cabo Verde

Neste semestre terá início um programa de mobilidade acadêmica para alunos e professores da UFRGS e da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV). O reforço da parceria foi possível graças à conquista de um edital internacional entre países de língua portuguesa, oferecido pela Capes, e envolve dois projetos: a criação do primeiro curso de Agronomia Socioambiental daquele país, lançado no início deste ano, e a instalação de um observatório de segurança alimentar, que irá monitorar indicadores de renda, educação e acesso à alimentação. **P10**



FABIANA THOME DA CRUZ / AGENCIA PESSOAL

**Alfredo Pena-Vega**  
Classe média brasileira carece de identidade **P9**

**Clínica de Fisioterapia**  
Alunos em fase final de graduação atendem a comunidade **P7**



## Espaço da Reitoria

Rui Vicente Oppermann  
Vice-reitor

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,  
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

**Reitor**  
Carlos Alexandre Netto  
**Vice-reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497  
Email: jornal@ufrgs.br

**Conselho Editorial**  
Ánia Chala, Cassiano Kuchembeck Rosing, Cida Golin, Luiz Carlos Pinto, Michéle Oberson, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer, Temístocles Américo Corrêa Cezar

**Editora** Ánia Chala  
**Subeditora** Jacira Cabral da Silveira  
**Repórteres** Ánia Chala, Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein  
**Projeto gráfico** Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (Cadermo JU)  
**Diagramação** Kleiton Semensatto da Costa  
**Fotografia** Flávio Dutra (editor) e Thiago Cruz  
**Revisão** Antônio Falcetta  
**Bolsistas** Gustavo Duarte Fagundes, Júlia Corrêa e Rafaela Pechansky (Jornalismo); Júnior Sérgio Schneider (Relações Públicas)  
**Circulação** Vanessa Gastal Fernandes  
**Fotolitos e Impressão** Gráfica da UFRGS  
Tiragem 12 mil exemplares

f /jornaluniversidade

# Iniciativas inspiradoras

A Universidade vive um período marcado pela inovação na busca de novos horizontes e pela ousadia na oferta de produtos culturais à sociedade. A edição do Jornal da Universidade deste mês traz dois exemplos que simbolizam esse momento.

Um grupo de recém-formados pela Escola de Administração está trilhando os caminhos do empreendedorismo ao optar por carreiras menos tradicionais. O que fica claro na apresentação de suas experiências bem-sucedidas é que, pelos menos no campo da Administração, os jovens não querem apenas garantir um emprego em uma empresa já consolidada. Para os professores que acompanharam a formação desses administradores, tal mudança reflete uma característica da chamada Geração Y, com jovens acelerados e impacientes com sua carreira: a importância de abrir seus próprios negócios.

Nesse sentido, a PS Júnior, associação sem fins lucrativos, integrada por alunos e supervisionada por docentes da Escola de Administração, atua desde 1992 para proporcionar um

ambiente de desenvolvimento aos estudantes, ao mesmo tempo que auxilia clientes e seus negócios a partir de duas esferas de atuação: consultoria e gestão. Também a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedotec), por meio de seu Programa de Empreendedorismo e Inovação, vem desenvolvendo uma série de projetos, dentre os quais se destaca a *Maratona de Empreendedorismo*, que recentemente divulgou a lista de selecionados de sua 14.ª edição.

No campo da produção cultural, a novidade foi a estreia, em julho, da segunda edição do projeto Ópera na UFRGS, apresentando a montagem de *Orfeu*. O espetáculo, escrito por Claudio Monteverdi e Alessandro Striggio, teve oito récitas gratuitas no Auditorium Tasso Corrêa e congregou os esforços de professores, técnicos e estudantes dos departamentos de Música, Arte Dramática e Artes Visuais do Instituto de Artes. A iniciativa contou com o apoio das pró-reitorias de Extensão, Pesquisa e de Planejamento da UFRGS. Segundo os idealizadores da montagem, que mobilizou cerca de cem pessoas, o propósito

foi dar novas cores ao texto escrito no século XVII, criando uma sincronia com o pulso do eclético espectador contemporâneo, nem sempre familiarizado com a linguagem da ópera.

No ano passado, o Instituto já havia brindado a comunidade porto-alegrense com uma montagem de *Dido e Enéias*, que conquistou os prêmios *Espectáculo do Ano* (2012, do Troféu Açorianos de Música) e *Destaque UNITV 2012*. Neste ano, a produção contou com mais alunos envolvidos, mais professores (sendo dois convidados externos, um da UFSM e outra da UFPR), maior investimento financeiro e mais arrojo na montagem.

Por esses exemplos, pode-se avaliar o quanto a Universidade tem investido para além do ensino, da pesquisa e da extensão, adentrando no campo do empreendedorismo e da produção cultural pelo esforço integrado de todos os membros de sua grande comunidade. Que essas iniciativas possam servir de inspiração a novos projetos, impulsionando nossa instituição a um patamar mais elevado.

## Memória da UFRGS

LUME/UFRGS



# 1974

Estudantes durante aula prática na Estação Experimental Agrônômica, em Eldorado do Sul. Em suas instalações é realizada a parte de campo da maioria das pesquisas desenvolvidas pelos professores e alunos da Faculdade de Agronomia e de outras unidades da UFRGS, como a Faculdade de Veterinária e os institutos de Biociências e de Pesquisas Hidráulicas.

## Mudou de endereço?

Os leitores aposentados que desejarem alterar o endereço de recebimento de correspondências da UFRGS, como o exemplar mensal do Jornal da Universidade, devem entrar em contato diretamente com a **Divisão de Cadastro e Registro da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas**, que está funcionando provisoriamente no **segundo andar do prédio da reitoria (Av. Paulo Gama, 110 - Câmpus Centro)**. Mais informações pelo telefone **(51) 3308-3045**.

## Artigo

# O lucro político dos 20 centavos

As recentes manifestações que tomaram conta do país causaram surpresa em sociólogos, políticos e especialistas de marketing – estes, constantemente atentos às pesquisas de opinião pública. Aparentemente, não havia indignação latente contra o governo de Dilma Rousseff, que no início de junho marcava 59% de aprovação pelos brasileiros. Com as manifestações, a presidente virou alvo, viu a popularidade cair (primeiro para 20%, depois para 30%, de acordo com o Datafolha), mas havia quem apontasse que Dilma não era a causa direta das insatisfações que foram levadas às ruas.

Os primeiros protestos pediam a redução da tarifa de ônibus em Porto Alegre e em São Paulo. Nessa última cidade, em uma manifestação organizada pelo Movimento Passe Livre, no dia 13 de junho, jornalistas e estudantes (que reivindicavam a redução de 20 centavos adicionais à tarifa) sofreram violenta repressão dos policiais, que levaram pessoas à delegacia por portarem vinagre (usado para amenizar os efeitos do gás lacrimogênio).

Um mês depois do junho de 2013, permanece a falta de respostas convincentes para a eclosão de grandes manifestações em distintos pontos do país. Explicações divergentes continuam a ser produzidas (alguns intelectuais afirmam que os atos recentes foram resultado da nova classe média, outros dizem que foram fruto da inflação).

As tentativas de esclarecimento talvez sejam insuficientes por estarem apoiadas em categorias

e conceitos antigos – na modernidade que não cumpriu suas promessas, posto que o sistema não ruiu por si, como previa Marx, e que o comunismo não pôs fim a injustiça. A verdade é que já não há um horizonte bem delineado a alcançar, apesar de alguns ainda bradarem seus “ismos”. O cotidiano atual é lábil. Líquido, como afirmou Bauman. São tempos de ideologias efêmeras. Direita e esquerda são insuficientes, rechaçadas nas bandeiras queimadas do PT e do PSDB.

O que foi observado é que a incerteza cotidiana, que vai dos empregos temporários aos projetos de vida, contaminou também as reivindicações, que, repletas de tonalidades e sem líderes (o Movimento Passe Livre iniciou os levantamentos, mas estes fugiram ao controle daquele), deram espaço a todas as causas. O fenômeno surpreende pelo elemento que tem de novo no Brasil: protestos grandes, organizados por uma geração conectada às redes sociais, as quais foram usadas para aglutinar.

Talvez a chave explicativa não esteja na identificação das causas e dos “contras”, mas na associação dos fatores (aumento de passagem, corrupção, Copa das Confederações, Copa do Mundo) que, ligados, poderiam mostrar que o desejo é de uma nova cultura política: “Quebra tudo, queremos mudança, desejamos o novo”. O novo, no entanto, parece ter significante vazio (é tudo e ao mesmo tempo não é coisa alguma). Chega a carregar resquícios do velho. Um de seus possíveis significados mostra como a “novidade” é recorrente: o desejo de eliminação da

estrutura partidária. Em uma situação distinta, mas com o sentimento de antipartido no ar, Collor soube fazer-se presidente diante de uma população que se mostrava contra “todos os que aí estão”. O sentimento de revolta depois se voltou contra Collor e, posteriormente, foi relacionado ao PSDB.

O PT poderia ter sido a redenção das siglas partidárias, mas acabou trocando a ideologia pelo projeto de manutenção no poder e pelas bases pela governabilidade. A população viu o partido reproduzir antigos vícios do poder, e a legenda deixou fortalecer a aparência de que “político é tudo igual”. Lula atualizou a gramática política de cooptação, reforçando-a, ampliando o presidencialismo de coalizão. Além disso, o ex-presidente nomeou como ministros do trabalho ex-sindicalistas influentes da CUT, assentou famílias do MST por meio do programa de reforma agrária e financiou projetos da UNE. Os movimentos sociais, que sempre foram a base do PT, se encontravam em situação delicada para fazer oposição.

Dilma não tem o carisma de Lula nem a habilidade política do antecessor. Pareceu perdida quando viu que os manifestantes não tinham líderes. Entre a promessa de Constituinte (negada um dia depois), a reforma política e o plebiscito para realizar a reforma, a presidente perdeu a possibilidade de dizer que se colocava ao lado dos que estavam nas ruas. Todavia, conseguiu tirar o foco de si e dividi-lo com o Congresso.

É cedo para afirmar se 2014 verá a reedição de um candidato “contra os marajás e a corrupta

elite política nacional”, se o PSDB e o DEM (tradicionais opositores) conseguirão manter um discurso de oposição atraente e firme, se Lula continuará tendo força para lembrar sua era e afirmar que a anterior (do PSDB) era ruim. Esse discurso do medo permanecerá conseguindo adesão, ou algo diferente (como a organização da população via redes sociais) surpreenderá mais uma vez?

Depois dos pronunciamentos da presidente, as manifestações arrefeceram, mas não cessaram. Políticos e manifestantes querem o lucro político dos 20 centavos, que se converte em candidaturas, projetos de manutenção do poder e na revivente crença popular de mudança. Essa crença (constantemente mais frágil) resiste em cidades como o Rio de Janeiro, Fortaleza e Porto Alegre, agora novamente voltada a pautas específicas.

O lucro maior pode ser da sociedade civil em geral ao perceber que é possível reagir e se organizar para além dos meios tradicionais, cobrando respostas. Falta aprender que democracia é conflito e que os novos meios de organização não devem significar o fim das divisões (por vezes partidárias), ainda que se atualize ou mesmo ultrapasse a dicotomia direita/esquerda, que já não parece servir para oferecer respostas convincentes à população.

**Joyce Miranda Leão Martins**  
Mestre em Sociologia (UFC), doutoranda em Ciência Política (UFRGS) | joycesnitram@yahoo.com.br



FLÁVIO DUTRA/JU



A previsão é de que, até o final do próximo ano, o laboratório, que desenvolve parcerias com o setor produtivo, esteja funcionando no novo prédio



UFRGS TV

Conhecendo a UFRGS

### Centro de Tecnologia Acadêmica

O Centro de Tecnologia Acadêmica (CTA) funciona no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp), localizado no Câmpus do Vale, e tem como um de seus objetivos aproximar os alunos, ainda no nível médio, do ensino, da pesquisa e da extensão praticados na Universidade. Por ser um centro vinculado ao curso de Engenharia Física da Universidade, o CTA tem como metas a formação e o desenvolvimento de tecnologias que possam ser usadas, estudadas, modificadas e distribuídas.

O principal projeto desenvolvido atualmente no CTA é a construção de estações meteorológicas modulares, ou seja, estações portáteis e de fácil manuseio, que utilizam um hardware livre chamado Arduino. O projeto surgiu devido à falta de informações acerca dos microclimas presentes em Porto Alegre e na Região Metropolitana e à escassez de dados sobre as transformações que nosso planeta vem sofrendo.

“Muito se fala de mudanças climáticas e da poluição das cidades, mas ficamos sem argumentos no momento de analisar dados quantitativos sobre o que está acontecendo”, argumenta Rafael Pezzi, professor do Instituto de Física. A meta do Centro é disseminar os conhecimentos transmitidos aos alunos do Aplicação, formando, assim, uma rede colaborativa, de modo que haja uma estação meteorológica modular em cada escola da capital e região metropolitana.

Os alunos do Aplicação encontram no CTA um local no qual podem aliar a teoria estudada em sala de aula à prática. “Em geral, os alunos do ensino médio não se interessam pelas áreas científico-tecnológicas. O projeto das estações meteorológicas tem a preocupação de iniciar os estudantes na pesquisa e motivá-los a seguir essas carreiras”, declara Rafael Brandão, professor do CAp.

Além disso, o contato desses jovens com alunos e professores da UFRGS poderá auxiliar na sua futura inserção na academia. “É muito legal a gente ter acesso a tantas informações que normalmente a gente não teria no ensino médio. Isso me incentivou a escolher Engenharia Física, porque agora eu realmente estou fazendo algo de que gosto”, afirma Paola Inhaquite, aluna do Aplicação.

Gabriella Padilha Scott, *aluna do 8.º semestre de Jornalismo da Fabico*

### Assista aos programas

Para conhecer melhor o Centro de Tecnologia Acadêmica, assista ao programa **Conhecendo a UFRGS** que vai ao ar no dia 13 de agosto, às 20h, com reprise às 23h, na UNITV, canal 15 da NET POA.

### Veterinária

# Novas instalações para laboratório do leite

Desde o final de junho, o Laboratório de Inspeção e Tecnologia de Leite e Derivados, Ovos e Mel tem novas instalações, após reforma do prédio próximo à Faculdade de Veterinária, no Câmpus do Vale. O ambiente modernizado reúne os estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Leitecia, coordenado pela professora Andrea Troller Pinto, e envolve parcerias com o setor produtivo e com órgãos de pesquisa e governamentais, como a Embrapa, o Ministério da Agricultura e a Unipampa. O prédio tem uma área total

de 260 metros quadrados e recebeu um investimento de R\$ 358 mil reais. A previsão é de que até o final de 2014 o laboratório, que hoje ocupa o prédio 42.715 nas dependências da Faculdade de Veterinária, já esteja operando nas novas instalações.

Quando foi idealizado em 2008, a intenção era tornar a UFRGS um centro de referência em pesquisas nas áreas de leite e derivados, ovos e mel. “Hoje isso é uma realidade. Estamos atuando em parcerias na produção do queijo artesanal serrano, de leite ovino e de ovos

pelo sistema orgânico”, enfatiza Andrea. Atualmente, segundo a coordenadora do Laboratório, estão em andamento projetos para viabilizar alternativas ao sistema de tratamento térmico do leite, como a pasteurização, e num projeto que vai viabilizar a produção agroindustrial familiar da bebida hidromel – uma mistura de mel, água e fermento biológico. Ninguém sabe quem a inventou ou como surgiu, mas durante séculos foi essencial à dieta medieval.

O Leitecia conta também com a participação da pesquisadora da Em-

brapa Maira Zanela, além de alguns profissionais de outras unidades, como as faculdades de Farmácia e de Agronomia e do Instituto de Ciência e Tecnologia dos Alimentos. Com esse novo espaço, o grupo pretende consolidar sua atuação no treinamento de pessoal relacionado à área do leite. Isso porque um dos objetivos do Laboratório é a formação continuada e o desenvolvimento tecnológico nas áreas de microbiologia, físico-química e tecnologia de alimentos de origem animal.

### Antropologia

## Seminário Olhares Diversos e Contemporâneos

De 28 a 30 de agosto, o Núcleo de Pesquisas em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, em parceria com o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, promove, no Pantheon do Câmpus do Vale, o 7.º Seminário Olhares Diversos e Contemporâneos.

Conforme os organizadores, uma das características principais que tem garantido o sucesso desse evento é a interação entre alunos de graduação e pós-graduação, que encontram no seminário uma oportunidade diferenciada de trocas e de valorização de suas pesquisas de Trabalho de Final de Curso (TCC), mestrado ou doutorado. Essa interação ocorre a partir dos debates realizados em sessões temáticas, palestras, apresentação e discussão de pôsteres.

O encontro, que conta com participação de estudantes e pesquisadores de diferentes cidades e estados, terá como

palestra de abertura *O campo da Antropologia das emoções: marcos, diálogos, tendências*, com a professora Maria Cláudia Coelho, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; como encerramento, o professor Veriano Terto Jr, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, proferirá a palestra *Novas tendências e desafios na prevenção à AIDS*. Ambas as temáticas, além de corresponder às discussões centrais da antropologia do corpo e da saúde, também são de interesse de outras áreas, como história, psicologia, educação e saúde.

Além de representantes da UFRGS e das universidades cariocas, participarão do encontro professores da PUC/SP, da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Federal de Santa Maria. Em função da parceria que teve no início deste ano entre o NUPACS e a UFSM, a edição de 2014 do Seminário será realizada na cidade de Santa Maria, inaugurando a alternância de sede para a realização do evento nos anos seguintes.

### Conferência

## Ouidos atentos à diversidade musical

A presidente da Sociedade Internacional de Educação Musical (ISME), Margaret Barrett, esteve na UFRGS em julho participando de encontro preparatório para a 31.ª Conferência Mundial sobre Educação Musical, que ocorrerá em Porto Alegre de 20 a 25 de julho de 2014. A cada dois anos, a ISME organiza uma grande conferência mundial sobre a educação musical, e essa é a primeira vez que será realizada em um país da América Latina. Com o tema *Ouvir a diversidade musical do mundo*, a atividade também

marca o 60.º aniversário de fundação da instituição pela Unesco, em 1953. Durante sua permanência em Porto Alegre, Margaret ministrou palestra na Faculdade de Educação da Universidade em atividade especial promovida pelo grupo Educamus, vinculado à linha de pesquisa Educação: Arte Linguagem e Tecnologia do PPGEDU. Os trabalhos tiveram a participação de pesquisadores interessados em narrativa (histórias de vida, histórias de vida e formação, pesquisa narrativa em educação musical). “É uma oportunidade para a

comunidade de ensino de música celebrar a imensa diversidade da criação musical que existe em todos os países e reconhecer as múltiplas formas pelas quais a música molda nossas vidas”, destacou Margaret. Na Conferência do próximo ano serão realizadas atividades abordando culturas musicais de diferentes nacionalidades através de 80 concertos, contando com a participação de mais de 50 grupos musicais. Os interessados em participar do encontro podem obter maiores informações em [www.isme.org/isme2014](http://www.isme.org/isme2014).

### HCPA

## Internacionalização em ciência

Esse é o tema da 33.ª Semana Científica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, que acontece de 26 a 30 deste mês nas dependências do hospital. Atividade anual, a edição de 2013 tem como novidade o lançamento do Prêmio Jorge Pinto Ribeiro, em homenagem ao professor da UFRGS e médico cardiologista falecido em agosto do ano passado.

Para a coordenadora da Semana, Vanessa Schwartz, do departamento de Ginecologia da UFRGS, “com tal premiação queremos salientar a importância do Hospital de Clínicas na geração de conhecimento inovador em saúde”, destaca. Na opinião dela, o evento dará visibilidade ao que o Hospital desenvolve em termos de geração de novas formas de tratamento e de equipamentos, “pois todos reconhecem a importância do Clínicas em seu trabalho de assistência”, observa.

No primeiro dia do encontro, Howard Federoff, da Georgetown University, Jorge Guimarães, presidente da Capes, e Francisco Mauro Salzano, representante da Academia Brasileira de Ciências, abordarão diferentes aspectos do tema central *Internacionalização em Ciência*. A Semana tem entrada franca e maiores informações podem ser obtidas na página [www.hcpa.ufrgs.br](http://www.hcpa.ufrgs.br).



# Para reinventar a democracia

Jorge Barcellos\*

A vinda a Porto Alegre do sociólogo Manuel Castells, conferencista do projeto Fronteiras do Pensamento, no último dia 10 de junho, foi oportunidade para acompanhar as ideias de um dos mais importantes pensadores da atualidade. Responsável por reunir, na célebre trilogia *A Era da Informação*, a síntese das características de nossa época em uma pesquisa que ultrapassa os últimos vinte anos, Castells descreveu os avanços nas áreas da tecnologia de informação, das telecomunicações, da engenharia genética, dos mercados financeiros globais (uma síntese integrada do funcionamento da economia capitalista atual). “Minha principal afirmação é que, na verdade, não importa se se acredita que este mundo, ou quaisquer de suas características, é novo ou não. Este é o nosso mundo, o mundo da Era da Informação.”

Uma das maiores autoridades na área de comunicação, Castells é professor titular na Annenberg School of Communication University of Southern California, em Los Angeles, e diretor do Instituto Interdisciplinar de Internet (IN3) da Universidade Aberta da Catalunha. Em 1979, à Universidade de Berkeley, Califórnia, encontrando a revolução tecnológica da informação em pleno desenvolvimento. Intuindo a transformação do mundo, começa a pesquisá-lo desde suas origens em um trabalho que resultou em mais de 25 livros publicados em 27 idiomas e que lhe rendeu prêmios internacionais como o Guggenheim, em 1982, e o Wright Mills, em 1983, 12 títulos de Doutor Honoris Causa e a presença em pelo menos dez Conselhos Internacionais de Ciências Humanas e em 32 universidades espalhadas pelo mundo como professor visitante.

Entre suas obras mais recentes, destaca-se *Redes de indignación y esperanza* (Aliança Editorial, 2012), recém-publicado, no qual o autor revela que seu pensamento está alinhado às transformações políticas da era da internet. Frente à crise econômica e ao cinismo político, Castells vê de forma positiva o fato de que as pessoas começaram a se conectar pelas redes sociais com grande vitalidade e, ao contrário do que se imaginava há pouco, foram capazes de sair do ciberespaço para as ruas, ignorando os partidos políticos e a mídia conservadora.

Mas se engana, contudo, quem pensa que ele é um pensador apaixonado por megateoria e política simplesmente. Em *Mujeres y hombres: ¿un amor*

*imposible?* (Aliança, 2007), com Marina Subirats, à semelhança de *Amor líquido*, de Zygmunt Bauman, Castells fala das relações entre homens e mulheres nos tempos atuais. Seus dados e investigações querem ajudar a entender nossos dramas pessoais, como o lugar que nos permite saber de onde viemos e onde estamos. Em *Comunicación y poder* (Aliança, 2006), mostra como os meios de comunicação se transformaram no espaço de exercício de poder e como o próprio poder, isto é, o Estado, o vê escapar por entre os dedos, já que graças à internet e aos dispositivos móveis surgiu um novo campo comunicativo, o da autocomunicação de massas, que supera os meios tradicionais e modifica as relações de poder.

A *Era da Informação*, obra em três volumes (Paz e Terra, 2000), ainda é sua maior contribuição à análise social. Tratando de temas tão distintos como o colapso da União Soviética, a análise da situação do Pacífico Asiático e as consequências da Unificação Europeia, o sociólogo diseca ao longo da obra os modelos de desenvolvimento do hiperindustrialismo europeu e revela os seus efeitos perversos desde a marginalização seletiva levada a efeito na África subsaariana à exploração sexual de crianças na Tailândia, Sri Lanka e Bogotá. O autor mostra como, no mundo inteiro e em todos os campos, o capitalismo informacional termina por destruir parcela significativa da realidade: “A sociedade em rede devora-se a si própria, negando o futuro dos seres humanos como espécie”. Castells vai ao fundo do problema porque toca na conexão perversa que vincula o crime global à formação de redes entre poderosas organizações criminosas no mundo inteiro, o que “constitui um novo fenômeno que afeta profundamente a economia no âmbito internacional e nacional, a política, a segurança e, em última análise, as sociedades em geral”. O segundo volume, intitulado *O Poder da Identidade*, mostra que o drama se reproduz: a maioria dos assassinatos que ocorre no âmbito internacional é de russos matando russos, sicilianos matando sicilianos, “transformando o crime global em um agente fundamental na economia e na sociedade na Era da Informação”. Tratando da onda poderosa de expressão de identidades coletivas no mundo, Castells investiga desde a formação dos paraísos comunais do fundamentalismo islâmico e norte-americano às formas de identidades territoriais que se verificam na Catalunha e que ele conhece

bem, sem deixar de falar das questões de identidade sexual, corporal e do movimento ambientalista.

Aqui surge a principal crítica ao Estado. No capítulo *Um estado destituído de poder*, Castells parte da constatação da superação da definição de Nicos Poulantzas de que a nação é um produto do Estado. Para ele, ela não se aplica mais. “O controle do Estado sobre o tempo e o espaço vem sendo sobrepulado pelos fluxos globais de capital, produtos, serviços, tecnologia, comunicação e informação.” A chamada crise do Estado-nação é evidente para o autor: “O que realmente importa é que o novo sistema de poder é caracterizado pela pluralidade das fontes de autoridade (e acrescentaríamos, de poder), sendo o Estado-nação uma dessas fontes”. O que ele quer acentuar é o surgimento de uma nova forma de descentralização do poder, uma espécie de esfera de soberania compartilhada que caracteriza o cenário político da atualidade. “Tratam-se de redes de capital, produção, comunicação, crime, instituições internacionais, aparatos militares supranacionais, organizações não governamentais, religiões transnacionais e movimentos de opinião pública. O

## A sociedade civil descrente precisa voltar a acreditar em suas instituições

Estado-nação continua a existir, mas ele não passa de um nó dentro de uma rede mais abrangente, cuja consequência é desprover os Estados-nação de parte de seu poder, o que é um risco para o qual é mais imperiosa a presença do estado, a definição da cidadania. Por isso, também, todo controle da informação é maléfico para este estado, pois se é preciso refundar a democracia, é porque é necessário se estabelecerem regras do jogo político que sejam conhecidas por todos. “Sem a mídia, não há meios de adquirir poder ou exercer poder [...] Tudo o que fica fora do alcance da mídia assume condição de marginalidade política”, diz Castells.

“Frente à crise do Estado-nação, é preciso reforçar o estado e o cidadão”, sentencia. O acesso democrático à informação é o caminho para a

saída da crise. Quer dizer, por trás de sua visão de sociedade há uma teoria política que reivindica a presença ativa da comunicação para a formulação de propostas políticas e a conquista de amplas bases de apoio. É que o poder não desaparece. “O poder ainda governa a sociedade: ainda nos molda e exerce domínio sobre nós. A nova forma de poder reside nos códigos da informação e nas imagens de representação em torno das quais as sociedades organizam suas instituições e pessoas controem suas vidas e decidem o seu comportamento. Esse poder encontra-se na mente das pessoas. Quem quer que vença a batalha nas mentes das pessoas sairá vitorioso”. É por isso que Castells se junta a uma série de intelectuais que cada vez mais se fazem presentes nos atos dos movimentos sociais, como Slavoj Žižek: enquanto este faz conferências no *Occupy Wall Street*, o sociólogo esteve junto dos acampados de Barcelona para mostrar que hoje o acesso à internet faz parte das estratégias de luta social. Mas é ali, frente às massas, denunciando a espiral descendente dos direitos sociais, na crítica à privatização italiana ou à impotência das eleições para corrigir tais retrocessos que surge a crítica ao pensamento de esquerda, que um dia foi protagonista dos desejos dos movimentos sociais: “Os partidos com chances reais de chegar ao poder igualaram-se, ao aderirem a um ‘pensamento único’ que nunca ousa tocar os lucros do sistema financeiro. A esquerda mais radical parece, como tantas vezes, incapaz de dialogar com as maiorias”.

A conclusão é que esses espaços, diz Castells, estão repletos de vitalidade política. Seja na autoconvocação da sociedade civil na Inglaterra e na Itália contra a cobrança de mensalidades, seja nos acampamentos nas praças das principais cidades. Para Castells, está em gestação a construção de uma nova democracia praticada em microescala. Se governos e parlamentos precisam recuperar o seu papel, pois ainda detêm o principal poder, que é o de estabelecer ou extinguir direitos, a sociedade civil descrente precisa voltar a acreditar em suas instituições. Não pode deixar de pressioná-las. Estranha dialética “que exige reivindicar de quem se considera ilegítimo”. E não é à toa, já que tais movimentos “são como água. Quando ela corre, passa por qualquer lugar, supera obstáculos”.

\*Doutor em Educação pela UFRGS



Manuel Castells realizou conferência para o projeto *Fronteiras do Pensamento* em 10 de junho no Salão de Atos da UFRGS



Fabício Leite e Rafael Machado mantêm dois restaurantes de comida mexicana em Porto Alegre



FLAVIO DUTRA/JU

# Na trilha do empreendedorismo

**Administração**  
*Tendência em optar por uma carreira menos tradicional pode ser reflexo da geração Y*

Muitos dos clientes que frequentam o restaurante de comida mexicana *Oak's*, em Porto Alegre, desconhecem o fato de que os donos e criadores do local são dois jovens recém-formados. Rafael Machado e Fabício Leite, hoje com 25 e 24 anos, respectivamente, consolidaram a vontade de empreender em meio a conversas nos corredores e na cafeteria da Escola de Administração da UFRGS. Ambos integraram, também, a PS Empresa Júnior (veja box), o que possibilitou o contato direto com corporações e negócios. “Ao participar da PS, percebemos que tínhamos capacidade de realizar grandes feitos e que não precisávamos ficar apenas na ponta do processo”, diz Rafael. Ele se refere a outro ramo da administração muito procurado pelos estudantes que ingressam no curso: o emprego em uma empresa já consolidada.

Segundo o professor Paulo Zawislak, que ministra disciplinas como *Organização da produção e Ciência, tecnologia e inovação*, as aulas do curso de Administração são destinadas, em sua maioria, a formar gestores que irão atuar no sistema, em corporações. O que tem sido observado, contudo, é uma procura cada vez maior pela outra esfera que a profissão oferece. O professor César Tejera De Ré, em suas aulas sobre relações de trabalho, aponta que, no passado, grande parte

dos jovens que ingressava tinha como objetivo a sucessão familiar. “Com o advento da internet, a geração Y, acelerada e impaciente com a sua carreira, gera jovens abrindo seus próprios negócios e não querendo trabalhar como empregados.” Ambos os docentes, porém, ponderam: a tendência ao empreendedorismo pode estar aumentando, mas ainda é incipiente no Brasil.

**Caminho não convencional** – A ideia de abrir um restaurante que serve *burritos*, *nachos* e *tacos* – pratos típicos da cozinha mexicana e muito populares em estados dos EUA, como a Califórnia – foi uma inovação do ponto de vista gastronômico na região sul do Brasil. O *Oak's* é fruto do olhar observador dos jovens, que realizaram intercâmbios durante o período acadêmico: Rafael viajou aos Estados Unidos e Fabício optou pela Austrália. Mais do que conceber aquele que seria o futuro da rede de restaurantes, os dois observaram o modo como eram geridos empreendimentos no exterior. Fabício lembra de ter percebido, por exemplo, a importância de “colocar a mão na massa”.

Após muitas reuniões e discussões que resultaram nas mais diversas ideias utópicas reunidas em uma planilha, os dois, em parceria com mais um colega (que hoje já não faz mais parte da empresa), decidiram abrir o *Oak's* em 2010. O trabalho foi árduo e, no início, consistiu em pesquisas de mercado, reuniões no banco e incontáveis encontros com a nutricionista responsável pelo cardápio. Vencidos diversos empecilhos, como aluguéis caros e leis brasileiras que atrasaram o projeto, foi aberta a primeira sede na zona sul (hoje também existe um segundo restaurante no bairro Moinhos de Vento).

No início, os dois contam terem assumido incumbências que iam desde limpar a cozinha até fazer caixa e comprar alimentos. Hoje, três anos depois,

ficam encarregados apenas do setor administrativo e de marketing. Fabício também ressalta a responsabilidade de gerir o próprio empreendimento, uma preocupação com os funcionários contratados. “Saímos do individualismo ao perceber que existem outras pessoas que dependem do nosso sucesso, o que é, ao mesmo tempo, muito estimulante.”

**Viés social** – Enveredar pelo caminho mais árduo e menos habitual também foi a escolha de Tomás Susin e Tiago Morés. Os jovens, que atualmente cursam Administração na Universidade (Tomás, aos 23 anos, está quase se formando), abriram a *Centésimo*, cujo propósito é auxiliar outras empresas a fazerem o bem. A ideia é realizar algo diferente, voltado a um viés social, a partir de ações que mobilizem os funcionários das corporações, não se restringindo a doações financeiras.

Tomás e Tiago, assim como Rafael e Fabício, realizaram um intercâmbio (ambos viajaram a Sidney) e participaram da PS Júnior. “Foi onde tivemos a oportunidade de experimentar um pouco do mundo empreendedor”, diz Tomás, um dos vencedores do prêmio Benetton de *Unemployee of the Year*, competição que premiou 100 jovens, contemplando seus projetos para contornar o problema do desemprego de forma criativa. Os 5 mil euros ganhos foram investidos na *Centésimo*. Da mesma forma que seus colegas, os jovens tiveram a oportunidade de estagiar em médias e grandes empresas: as experiências colaboraram para que ambos concretizassem a inclinação por seguir um caminho menos tradicional. Para Tiago, a influência que sofreram de colegas e professores foi decisiva: “A universidade proporciona um ambiente de troca: tu conheces outras mentes, outras ideias, o que é fundamental para quem quer ser empreendedor”.

Gustavo Reischl, formado pela Escola de Administração da UFRGS, carre-

gou o sonho de abrir o próprio negócio desde a infância. Ele uniu o gosto por chocolate e o ensejo por fazer o bem para abrir a *Doce Razão*, empresa de trufas de variados sabores. A empresa distribui as unidades em mais de 80 pontos de venda da cidade, destinando 10% do lucro a instituições de caridade. De acordo com Gustavo, o curso de Administração foi fundamental para que ele adquirisse o know-how necessário, recordando-se da disciplina em que aprendeu sobre plano de marketing, muito utilizado por ele atualmente. O jovem, porém, considera que alguns conceitos essenciais poderiam ser mais bem elaborados. “Na época da faculdade, aprendi sobre as leis trabalhistas, por exemplo, e passei na prova, mas quando me deparei com a contratação de funcionárias, vi que faltava uma base mais prática e menos teórica”, resume.

**Percalços** – Os professores alertam, porém, sobre os perigos enfrentados por aqueles movidos pela vontade de empreender: o risco de que um projeto fracasse é muito alto. Conforme César,

é possível traçar um “perfil empreendedor”, que engloba características como persistência e capacidade de lidar com frustrações, pressões e riscos. “Existe uma ideia fantasiosa por trás do empreendedorismo, mas a verdade é que é uma carreira difícil que envolve sempre muitos percalços”, ressalva. Paulo acrescenta ainda que há uma diferença entre os que empreendem por necessidade – o chamado *self employment* – e aqueles que o fazem por oportunidade, que têm em seu âmago a inovação, a concepção de uma ideia diferenciada. Os dois tipos têm em comum, na opinião do docente, a motivação movida por um sonho.

Mas a formação de um empreendedor também se dará a partir de qualidades subjetivas, como coragem, ímpeto e até formação familiar, aliadas ao conhecimento – momento em que a universidade tem papel fundamental: “As aulas fornecem o alfabeto, enquanto o aluno forma as palavras e a poesia”, conclui o professor Paulo.

Rafaela Pechansky, estudante do 7.º semestre de jornalismo da Fabico

## Conhecimento aplicado

Em permanente contato com a dinâmica empreendedora, a PS Empresa Júnior é uma associação sem fins lucrativos, formada por alunos que, supervisionados e orientados por professores da Administração, realizam projetos para clientes e seus negócios. Fundada em 1992, a organização conta atualmente com 35 membros e tem por objetivo proporcionar um ambiente de desenvolvimento aos estudantes e auxiliar clientes e seus negócios de forma inteligente e sustentável a partir de duas esferas de atuação: consultoria e gestão. O estímulo acadêmico é tanto técnico-profissional quanto pessoal, estando na interseção dos vieses teórico e prático. Filipe Garcia, aluno e diretor de marketing da PS Júnior, explica: “Estudamos muito, lemos bastante e nos atualizamos acerca do que é consultoria e sobre como podemos agregar valor para o cliente por meio dos nossos projetos”. O conhecimento pode ser aplicado e os conceitos aprendidos, testados na prática: “Não ficamos apenas no escritório: vamos a campo”, resume.



# Por um serviço público melhor

**Escola de Desenvolvimento Pró-reitoria de Gestão de Pessoas lança programa que incentiva o aumento da escolaridade e o aperfeiçoamento dos servidores da UFRGS**

Everton Cardoso

Qualificação e aperfeiçoamento são vocábulos que assumem um sentido bastante importante quando se pensa a qualidade do trabalho desenvolvido pelo quadro de servidores da Universidade. Essas ideias designam, respectivamente, o nível de educação formal – ensino fundamental, médio, superior e pós-graduação – atingido pelo funcionário; e aquelas atividades de educação continuada a que este assiste paralelamente à sua atuação profissional – tais como cursos de idiomas ou de outros temas relacionados à sua função. Para promover, acompanhar e gerenciar esses processos, existe, desde o mês passado, a Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS. O setor, que está vinculado à Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (Progesp) e reúne algumas atividades que eram organizadas pela agora extinta Divisão de Capacitação, pretende promover o desenvolvimento de competências que sirvam tanto para aprimorar as práticas laborais de cada um dos setores da Universidade quanto para atingir objetivos institucionais mais abrangentes.

De acordo com a diretora da Escola, Rebeca Donazar, o novo setor está voltado para o que ela define como “ensino no trabalho”, ou seja, um conjunto de ações que promovam o desenvolvimento de habilidades e competências pelos servidores a partir de suas áreas de atuação com vistas a melhorar sua prática cotidiana. Para atingir tal objetivo, Rebeca destaca que três tipos de ações serão propostas, algumas delas já vigentes: incentivo à qualificação por meio da educação formal; ações de capacitação em áreas diversas; e orientações individuais para a construção de uma “trilha de aprendizagem” específica para cada servidor.

Entre as principais ações a serem desenvolvidas no que tange ao aperfeiçoamento – ou seja, atividades de capacitação como as que já vinham sendo desenvolvidas pela Progesp –, está prevista a elaboração de um plano anual para o conjunto de atividades. De



A assistente social Claudia Hochheim Oliveira ministrou um curso de capacitação em Desenvolvimento de Gestores que reuniu técnicos e professores

acordo com Rebeca, isso deve ser fruto da análise de um conjunto de instrumentos que já existiam – como a avaliação de estágio probatório, as avaliações de desempenho e o levantamento de necessidades de capacitação –, agora enriquecidos por material a ser coletado em reuniões de planejamento que serão desenvolvidas diretamente nas unidades que compõem a UFRGS. “Iremos a cada uma para apresentar o diagnóstico daquele local, analisar as necessidades de desenvolvimento e, assim, planejar em conjunto ações de capacitação”, explicita a diretora da Escola de Desenvolvimento. Na avaliação dela, que tem formação em Sociologia do Trabalho, é preciso saber mais sobre cada unidade e de que forma as atividades laborais acontecem lá: “Trabalho também é orgulho, por isso precisamos conhecer bem a realidade dessas pessoas”.

**Bolsas** – Com vistas a elevar o nível de instrução para além daquele mínimo exigido para cada cargo, a Escola vai oferecer bolsas mensais de estudo aos servidores que decidirem reiniciar sua formação nos ensinos fundamental e médio. Serão R\$ 200 de estímulo àqueles funcionários da Universidade que estiverem matriculados em instituições públicas ou privadas de educação básica. Já no próximo semestre, serão beneficiados 50 servidores que estejam cursando séries do ensino fundamental e 25 que

estejam estudando no nível médio. Além disso, os servidores que fizerem seu primeiro curso de graduação – seja para formação em bacharelado, licenciatura ou tecnologia – receberão o valor mensal de R\$ 500 para auxiliar no custeio de seus estudos. Esse auxílio será concedido somente para o caso de ingresso em instituições privadas. Nessa modalidade, serão oferecidas 50 bolsas semestrais. Já para mestrados e doutorados serão ofertadas, respectivamente, 30 e 20 bolsas no valor de R\$ 1.000 – também mensais e somente para aqueles que estiverem matriculados em instituições privadas de ensino. No caso dos cursos de graduação e pós, segundo Rebeca, o custeio somente aos matriculados em instituições pagas é para lhes permitir a oportunidade de estudar, mesmo que não tenham tido a chance de serem aprovados nos processos seletivos de instituições públicas e gratuitas.

Ainda serão oferecidas bolsas de estudo para cursos intensivos de inglês. “O objetivo é que haja, em cada unidade, um servidor com fluência no idioma e que sirva de referência em seu local de trabalho”, explica a diretora sobre o que, na verdade, é um interesse institucional a partir da crescente internacionalização da UFRGS. Rebeca, no entanto, faz questão de enfatizar que os cursos de capacitação em línguas estrangeiras – inclusive a inglesa – que vinham sendo oferecidos continuarão acontecendo.

## Uma nova chance

Conforme levantamento feito pela Pró-reitoria de Gestão de Pessoas, 292 servidores do quadro técnico-administrativo da Universidade não terminaram o ensino fundamental; e 163 o concluíram, mas não finalizaram os estudos no nível médio. Tendo isso em vista, o Colégio de Aplicação se junta às ações da Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS para oferecer a essas pessoas uma nova oportunidade de concluir seus estudos básicos na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA). Serão cursos gratuitos, mais condensados que a carga horária normalmente oferecida ao público em idade escolar e em turnos que possibilitem conciliar com o horário de trabalho. Para concluir o ensino fundamental, é preciso ter no mínimo 15 anos e as aulas ocorrem no vespertino, das 16h às 19h; já o nível médio é para maiores de 18 anos e as aulas acontecem à noite, das 19h às 22h. O preenchimento das vagas será

feito por sorteio público entre aqueles que se candidatarem.

De acordo com o vice-diretor do Colégio de Aplicação, Luiz Mazzei, a unidade tem oferecido estudos em EJA desde 2008 – ainda que, no caso do Ensino Fundamental, tenha havido uma interrupção desde 2010 em razão da baixa procura. Neste momento, considerando a prioridade institucional, isso será retomado. “Muitos desses servidores têm expectativa de uma ascensão profissional, pois com maior qualificação é possível que desempenhem funções mais complexas”, diz. Na opinião do professor Rafael Arenhardt, envolvido no projeto, a proposta pedagógica do curso é voltada a alunos trabalhadores. “Esperamos que isso repercuta na melhoria das condições de trabalho dos servidores e que reverbera positivamente nas relações sociais, familiares e profissionais, na autoestima, na melhoria da qualidade dos serviços prestados”, projeta.

## Anote

**Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS**

[www.ufrgs.br/progesp/progesp-1/escola-de-desenvolvimento-de-servidores](http://www.ufrgs.br/progesp/progesp-1/escola-de-desenvolvimento-de-servidores)

Telefones: 3308-3219 | 3308-3914 | 3308.3015

E-mail: [edufgrs@progesp.ufrgs.br](mailto:edufgrs@progesp.ufrgs.br)

## Dois-pontos

### ► Sobre as verdades relativas

Toda profissão tem questões que, sob o olhar dos outros, ganham um superlativo. Do médico, ou melhor, das suas palavras se produz em nós a fatalidade da doença – para depois vir a expectativa das palavras mágicas da cura. Daí a fantasia de, ao não procurá-los – e ouvi-los –, permanecerem sãos. Somos felizes até que alguém nos diga o contrário. Estranho esse poder das palavras – ditas ou sugeridas.

A intenção desta coluna é exatamente dar alguma medida das decisões de redação adotadas na linha editorial do JU. Mas o que isso tem a ver com a introdução deste texto? Bem, com frequência, os profissionais das Letras se deparam com demandas do gênero: afinal, é certo ou

errado se escrever “ao invés de ir ao cinema, foi dormir”? Temos de responder que não, que “o melhor é se dizer ‘em vez de ir ao cinema...’”. E nos vemos emparedados numa linha didática que não professamos, mas nem sempre é possível se afirmar “olha, é uma questão de ponto de vista...”. É mais fácil dizer “a verdade”. É isso, e pronto! Os estudos da área da linguagem, contudo, há muito deixaram de trafegar por essa rodovia; há mais formas de uso da língua do que poderiam imaginar os vendedores de verdades. E, ao dizermos que isso é certo e aquilo é um erro, estamos narcisicamente falando a partir do nosso nariz. Não é por aí. Sim, há uma gramática que prescreve usos de uma norma padrão, mas, na prática da língua, são muitas as formas de fala e, conseqüentemente, de possibilidades de escrita.

Isso tudo para esclarecer que adotamos no JU alguns parâmetros de redação. São, sim, questões discutíveis, como tudo deveria, e das quais se citam dois casos: a adoção da palavra *câmpus* no léxico de língua portuguesa, por se considerar esse deslocamento uma tendência natural e para se fugir especialmente do problema do plural: os *campi* – de frequente mau uso. Assim como o vocábulo ‘vírus’, grafamos *câmpus* com acento, por ser uma paroxítona terminada em –us. Seu plural segue a mesma forma: o *câmpus* e os *câmpus* – como “o/os vírus”. Outra decisão editorial, muito próxima da nova convenção ortográfica, trata do uso preferencial das minúsculas em alguns nomes que designam cargos ou organismos. Essa decisão passa, entre outras intenções,

pela busca de desritualizar certos nomes. Assim, ‘governo federal’, ‘estado’ – subdivisão territorial –, ‘prefeitura’, ‘reitor...’) são grafados aqui com inicial minúscula. Nos nomes compostos também se decidiu pela minúscula no segundo elemento: Pró-reitoria de Extensão, Pós-graduação em Letras.

Entendam-se essas adequações de uso – que estão, sim, relacionadas à ideia de mundo dos que realizam o JU, mas também a uma busca de operacionalização da linguagem – como um movimento dinâmico e necessário aos que produzem a linguagem escrita, no nosso caso em um jornal de circulação no ambiente acadêmico. Mas cuidado, não estamos prescrevendo – e só temos agenda para consultas em outubro de 2015. Brincadeira!

Antônio Falcetta, revisor  
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

# Saúde e cidadania

## Atendimento à comunidade

### Atletas, adultos e amputados estão entre os que se utilizam da Clínica de Fisioterapia da Universidade

O serviço de fisioterapia da UFRGS foi expandido em março de 2012 com a inauguração de uma clínica-escola no Câmpus Olímpico. O espaço, cedido e readaptado, mas ainda transitório, conta com aproximadamente 150 m<sup>2</sup>, o que possibilita o atendimento a mais de um paciente ao mesmo tempo por estudantes de graduação com no mínimo o sétimo semestre em Fisioterapia. Embora disponha de subsídios do governo, o trabalho não é acessado gratuitamente, mas oferecido por um custo baixo e fixo tanto à comunidade acadêmica quanto à externa. O valor corresponde ao mínimo de qualidade para a manutenção de assepsia e para a reposição semanal de materiais de consumo.

Usualmente, segue sendo de boca a boca a propaganda da fisioterapia disponibilizada pela Universidade. Para voltar a expandir sua atuação, a clínica aguarda a construção de um novo prédio no Câmpus Olímpico, cujo térreo planeja ocupar. Também é buscada a formalização de um convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS) por meio de edital da prefeitura.

A clínica promove a educação de necessidades em saúde enquanto instrumentaliza os atendidos em diversas condições de deficiência. São respon-

sáveis pela coordenação e supervisão de estágios e projetos de extensão os docentes do Departamento de Educação Física (DEFI). Fisioterapeutas preceptores acompanham os graduandos em todos os locais hábeis para a prática de estágio ou extensão. A professora Adriana Moré Pacheco, coordenadora da clínica, explica que o curso de Fisioterapia possui transversalidade com o SUS. Do primeiro ao sétimo semestre, nas cadeiras Saúde e Cidadania I, II, etc., são adquiridos conhecimentos profissionais e de teoria acerca do SUS. Além disso, os acadêmicos têm contato direto com a população nos atendimentos efetuados em unidades básicas de saúde.

De um semestre a outro, os alunos exercem atividades em diversas áreas de atenção fisioterapêutica. Dedicam-se a crianças, idosos, homens e mulheres, trabalhando no solo ou na água, na sala de cinesioterapia ou no núcleo com esterilização especializada. Na clínica localizada na Escola de Educação Física (ESEF), os estudantes operam em projetos de extensão nas três seções de fisioterapia: traumatologia-ortopedia e desportiva, saúde da mulher e do homem, neurodisfunção e trabalho a amputados. Os serviços são executados por alunos em período final de graduação – aqueles que integraram as primeiras turmas do curso de Fisioterapia, iniciado em 2009 na UFRGS.

Marcela Zimmermann, formanda que realiza estágio curricular obrigatório, lembra que seus pacientes hoje na clínica são jovens em idade entre 20 e 30 anos. Os alunos de diferentes cursos que representam a UFRGS em competições esportivas, membros do Programa Esportes Universitários, recebem isenção de pagamento das consultas. Eles formam um grupo contínuo de beneficiados pelo serviço que a Universidade oferece desde 1998, quando a fisioterapia era executada de

forma mais restrita no Lapex (Laboratório de Pesquisa do Exercício). O setor contava com profissional especialista, porém não havia base adequada para a formação de fisioterapeutas.

Cláudio Paiva, coordenador da Divisão de Esporte (DIESP) da UFRGS, informou que 190 atletas da Universidade atuaram em junho nos Jogos Universitários Gaúchos (JUGs), ocorridos na Ulbra. Em várias modalidades desportivas, do basquete ao atletismo, instituições de ensino superior competiram por vaga nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) de 2013, que terá os eventos competitivos sediados em Goiânia em novembro. De acordo com Cláudio, o convênio com a Clínica de Fisioterapia, estabelecido na gestão anterior da DIESP, criou uma rotina de encaminhamento. Para agendar a consulta de estudantes treinados na ESEF, a Divisão é mediadora na relação entre um professor e a secretaria da Clínica.

## Os serviços são executados por alunos em período final de graduação

**Qualidade de vida** – Nas tardes de quarta-feira, as consultas da Clínica estão relacionadas ao projeto de extensão na área de traumatologia-ortopedia e desportiva. Bruno Puhl é arremessador de handebol e frequenta o lugar desde o ano passado. Já solucionou um dedo quebrado, recobrou um punho machucado e agora cura o joelho com uma sequência de esteira, abdução e adução, e agachamento frontal. “E na próxima deve ser o ombro”, lança o jogador, com

um sorriso e na voz a decisão de quem não deixa de fazer o que gosta.

Na perspectiva do atleta, o local é qualificado pelo acompanhamento e pelas intervenções dos fisioterapeutas no momento dos exercícios, bem como pelos aparelhos de fisioterapia analgésica (que se utilizam de recursos eletrotermofototerápicos para atenuar os desgastes corporais), nada disso encontrado em uma academia de ginástica. Bruno explica que sente necessidade de maior esforço sempre no início de um restabelecimento. O grau de dificuldade dos exercícios é seguidamente regulado conforme o tratamento individual, com características registradas diariamente em prontuário pelos estudantes supervisionados. Quando o paciente pouco pode com a menor atividade, ele é mantido na analgesia, que não implica o uso de medicamentos, como poderia fazer pensar a proximidade com o termo *analgésico*.

Outras condições abordadas pela fisioterapia da Clínica envolvem pacientes neurológicos adultos e indivíduos amputados. Uma seleção de intervenções e terapias manuais é administrada para a melhoria da qualidade de vida desses pacientes e de seus familiares. O grande volume de consultas por cadeirantes e indivíduos com mobilidade reduzida levanta a questão da preparação arquitetônica da ESEF para a acessibilidade e a inclusão social.

Outra turma de atendidos é caracterizada pela vida adulta média e tardia, entre estes professores e funcionários da Universidade. No envelhecimento, lidar com a sensibilidade a dores no corpo pede uma rotina dentro de rotinas, o que nem sempre é possível em vista da carga de trabalho contemporânea. Apesar disso, quando se vê interrompido um gesto básico na vida diária e profissional, aparece a urgência por cuidados promovidos em contato com

o fisioterapeuta. Recorre-se a postos e clínicas em virtude de dificuldades motoras bem compreensíveis, manifestadas por expressões como “não consigo mais pôr a camisa” e “sinto dor ao fazer este movimento”.

**Interação** – Adriana comentou o caso de uma paciente que não estava contente ao receber alta e deixou contrariada a Clínica após as últimas sessões. Não se espera que o paciente que entra em fisioterapia para recuperação de uma capacidade funcional traga entraves psicológicos. Segundo a fisioterapeuta, a queixa da paciente contradizia testes bem positivados. “A paciente não estava completamente satisfeita por manter um estado psicológico que atrapalhava seu atendimento. Ela sempre sentia um resquício de dor. E sabíamos que, por tudo o que fazíamos, não poderia haver aquele resquício de dor. Ele era de fundo emocional.” A recomendação final estabeleceu que a paciente pudesse retornar se acompanhada pelo serviço da Psicologia.

E “quando contatei a Psicologia, eles não sabiam que existia a Clínica de Fisioterapia”, conta Adriana. Para ela, a falta de comunicação faz com que as pessoas não se deem conta exata do que fazem os outros. “Dentro da Universidade, vários setores que podem se ajudar não se conhecem. A necessidade de um paciente em especial – outros virão – me fez procurar o serviço da psicologia. Poderá aparecer um paciente com o laudo indicando disfunção cervical, e nas sessões descobrimos que o problema dele é na verdade ATM, que é disfunção da articulação temporomandibular. Então, precisarei encaminhá-lo ao atendimento na Odontologia.”

Gustavo Duarte Fagundes, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabco



Alexandre Rotta sofre de Ataxia de Friedreich, doença hereditária neurodegenerativa, e faz tratamento junto à Clínica



# Estuda-se religião

**Espiritualidade** Parte obrigatória dos níveis fundamental e médio no Rio Grande do Sul, o ensino religioso gera debate sobre quais conteúdos deve desenvolver e que abordagens deve adotar

Everton Cardoso

Basta a religião saltar como tema em uma conversa de grupo para que alguém logo se manifeste: “Política, futebol e religião não se discutem”. Em se tratando de educação, o assunto representa um tema delicado: há sempre uma suspeita de que, no contexto escolar, a doutrinação e a catequização venham dissimuladas em meio a discussões mais amplas, plurais e formativas. Ainda assim, desde 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define a obrigatoriedade do ensino religioso como disciplina para as escolas de ensino fundamental: a instituição educacional tem obrigação de oferecer as aulas a seus estudantes; estes, por sua vez, podem escolher se

querem ou não matricular-se. Descrita pela legislação como “parte integrante da formação básica do cidadão”, no entanto, essa atividade escolar ainda carece de definições mais específicas.

“E quem optar por não cursar a disciplina seria, então, um cidadão incompleto?”, indaga o mestre em Antropologia Social pela UFRGS Renan Santos. O questionamento vem da experiência adquirida durante a pesquisa que deu origem à dissertação *Religião é igual, religião é diferente: reflexões a partir do ensino religioso em escolas públicas em Porto Alegre*. Para desenvolver seu trabalho, o pesquisador observou as rotinas de três turmas de ensino religioso em três escolas públicas estaduais da capital. Eram dois grupos de ensino

médio e um de oitava série do ensino fundamental. A escolha pelo tema veio da trajetória que Renan teve como bolsista de Iniciação Científica quando orientado pelo professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS Fernando Seffner. “Debatíamos a laicidade no Estado de uma forma geral, tentando compreender que temas estavam ligados a isso”, explica Renan.

**Indefinição e divergências** – Ao propor um lugar para o ensino religioso na educação brasileira, Renan cita a antropóloga Débora Diniz, professora da Universidade de Brasília. Segundo a estudiosa, o ensino religioso, no país, não é resultado de um consenso democrático construído historicamente. Isso

porque sempre houve forte atuação de um lobby católico e, mais recentemente, evangélico. Tema polêmico, a presença do ensino religioso na escola é motivo de discórdia entre aqueles que refletem sobre a educação brasileira. “Há quem argumente que a religião é do âmbito do privado, mas que o ensino é público”, sintetiza o pesquisador a respeito do debate. “Eu discordo”, enfatiza, “porque a religião nunca pertenceu à dimensão particular do sujeito. Ela é absolutamente política, atua na esfera pública.” Na avaliação de Renan, essa separação nunca ficou bem definida e acaba mascarando o quanto o discurso religioso permeia praticamente todas as dimensões da vida nacional. Isso estaria expresso inclusive na própria constituição do corpo de representantes

eleitos em sufrágio para integrar o Estado democrático, seja por meio das pessoas que foram votadas e constituem as instâncias de poder, seja por aquelas que votam. “A religião também compõe o Estado”, sublinha.

Enquanto, no plano nacional, a oferta de ensino religioso é obrigatória para estudantes do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, no caso do Rio Grande do Sul isso se estende ao nível médio. Estabelecida pela Constituição Estadual, essa obrigatoriedade gerou, por parte do Conselho de Educação do RS, uma série de resoluções com vistas a orientar as escolas sobre que postura adotar. Entre elas, está a que trata do perfil que devem ter os professores designados para a área. Desde 2012, está definido que essa função pode ser desempenhada, na educação infantil ou nos anos iniciais do nível fundamental, por qualquer profissional que tenha feito curso normal ou correspondente. Já a partir do 6.º ano e também no ensino médio essa função deveria ser atribuída a um professor com Licenciatura em Ensino Religioso ou correspondente. Essa, porém, não foi a realidade com a qual Renan se deparou.

De acordo com o pesquisador, o que normalmente acontece nas escolas da rede pública do estado é que se designa algum profissional de outra área de ensino para ministrar as aulas. “A rotatividade é muito comum”, conta. Ainda que normalmente a preferência seja por docentes das áreas de cunho humanístico, tais como História e Filosofia, Renan se deparou com realidades bastante distintas: professores com as mais diversas formações; abordagens dos mais variados gêneros; e conteúdos completamente divergentes entre si.

## Questão de conteúdo

Ainda que seja vedado o proselitismo durante as aulas destinadas ao Ensino Religioso, não há uma definição mais precisa em relação ao que deveria ser trabalhado nessa atividade. Conforme o coordenador de Estrutura e Funcionamento Escolar da Secretaria Estadual de Educação, Domingos Buffon, isso se deve à característica da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. “A LDB dá muita liberdade para as escolas, e isso inclusive na organização dos conteúdos. Ela cita os componentes [disciplinas], mas as escolas podem escolher quantas horas na semana e que conteúdos desenvolverão. Isso deve estar coerente com o projeto político-pedagógico de cada instituição”, explica. Domingos enfatiza, ainda, que o papel do órgão a que está vinculado é avaliar como as escolas têm desenvolvido essas atividades e, assim, buscar boas experiências para ampliá-las para as demais escolas.

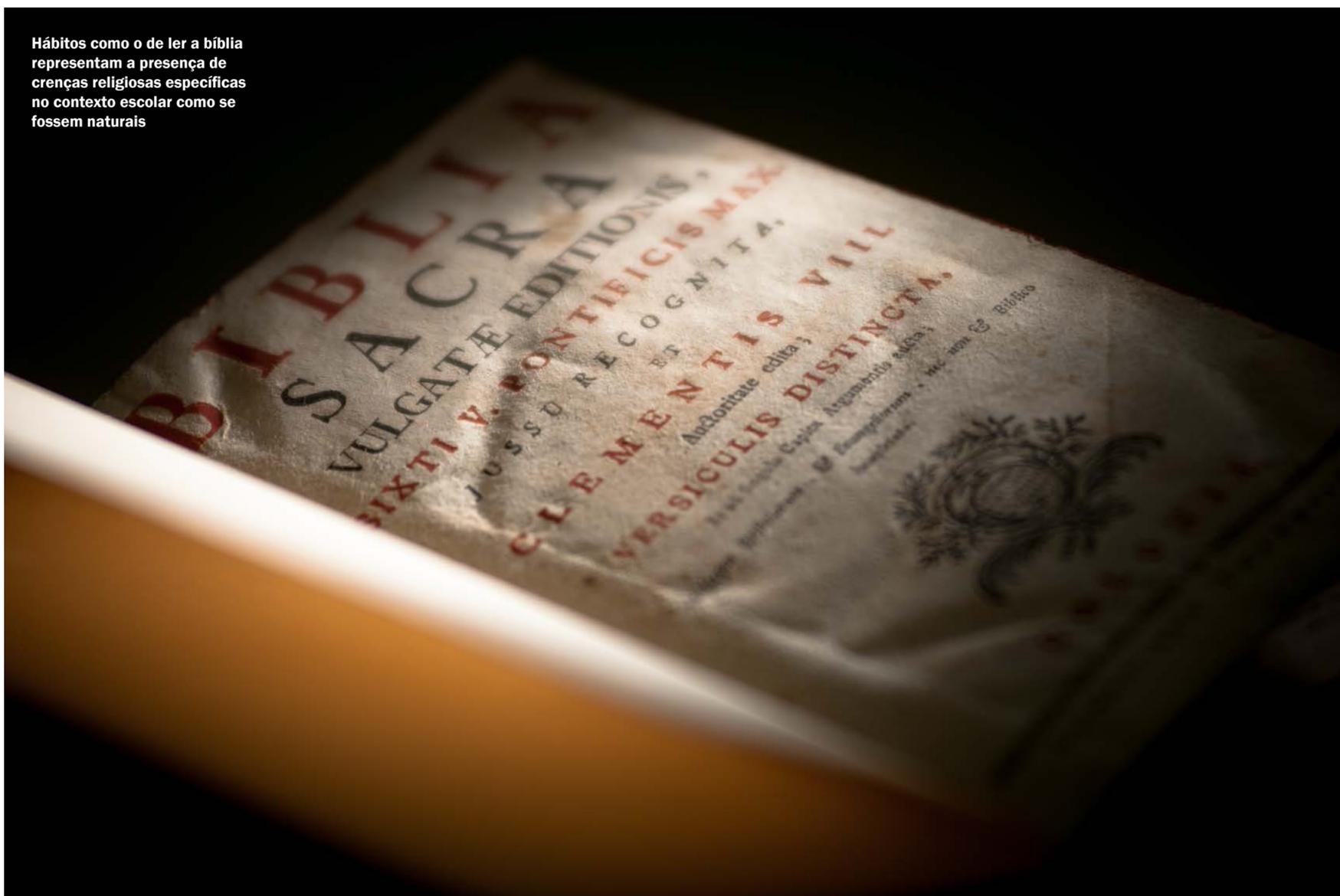
Para pensar a respeito do que, afinal, deve ser abordado nas aulas de Ensino Religioso, a professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS Luciana Marques estabelece, desde o início, uma distinção entre espiritualidade e religião. Na

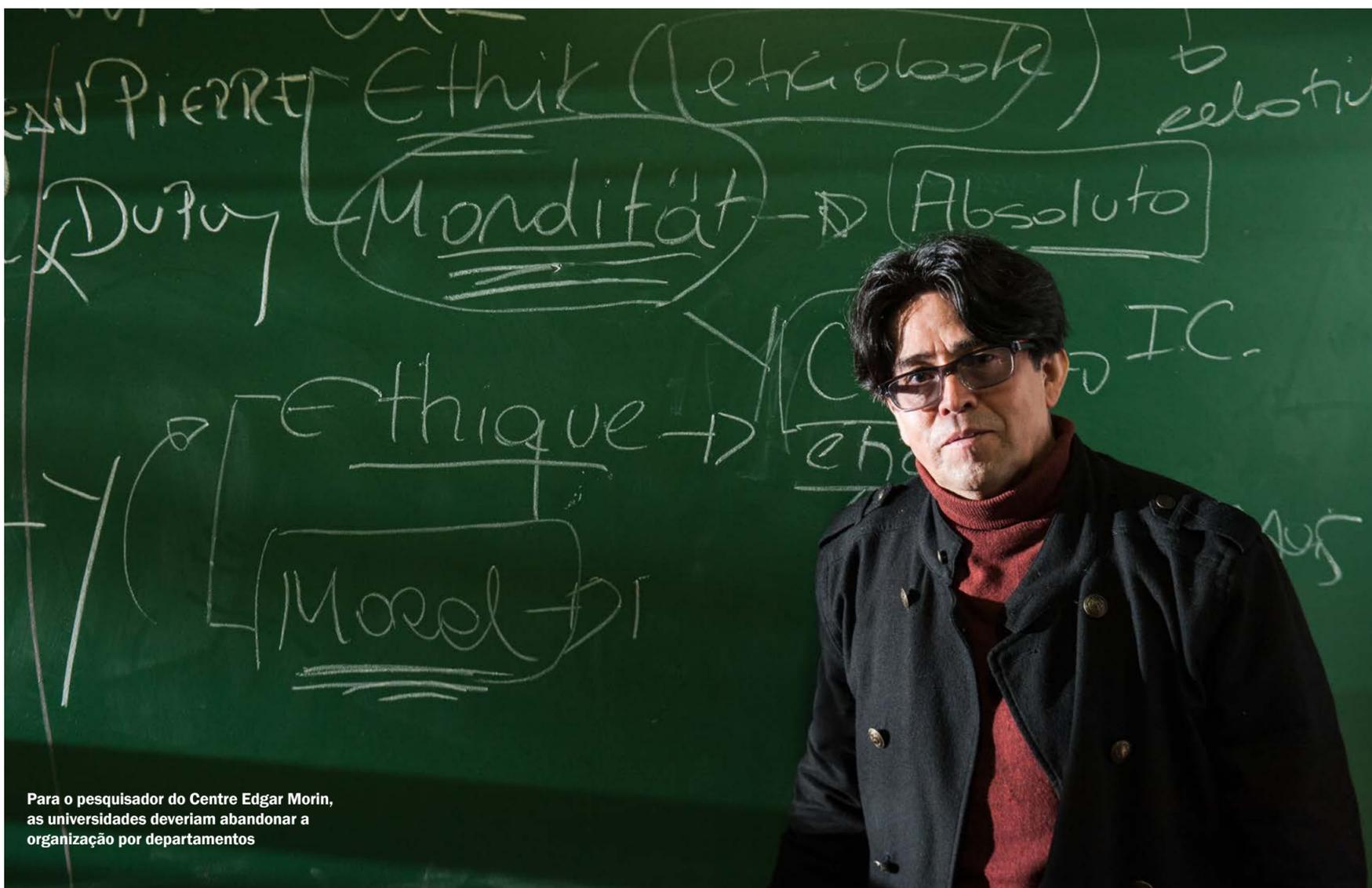
visão da também pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde da UFRGS, esta última seria uma prática pública institucionalizada, ou seja, é acompanhada de um conjunto de ritos, crenças e mitos partilhados com um grupo. Por outro lado, a espiritualidade é mais ampla: vivida individual ou coletivamente, é desenvolvida por meio de práticas como a arte, a integração com a natureza e o trabalho voluntário. Essa seria uma dimensão da vida humana ligada ao que normalmente se denomina transcendência. “É algo que vai além do ‘eu’ como indivíduo preso ao corpo”, diz. “Essas pessoas”, complementa, “têm uma compreensão ampliada dos outros, são mais comprometidas com causas sociais, têm mais responsabilidade política e mesmo mais consciência ecológica.” Nesse sentido, Luciana diz que a escola deveria fomentar a espiritualidade a partir de uma abordagem filosófica e interdisciplinar. O aprendizado da religião, assim, deveria se dar dentro do contexto familiar ou das instituições vinculadas à prática religiosa.

Nos estudos que desenvolveu a respeito do tema, Renan Santos mais se deparou, nas salas de aula, com

o ensino do que os professores genericamente definem como “valores”. Ao aprofundar os questionamentos aos docentes e às observações de aulas, o pesquisador pôde concluir que essa é uma lista bastante longa e variada. “Vai desde amor, paz, respeito e amizade até coisas como meio ambiente, drogas, violência, sexualidade, lixo e tecnologia”, enumera. “Qualquer coisa”, sintetiza, “poderia ser incluída nesse ‘guarda-chuva’.” Como o tema não é suficientemente discutido de forma a problematizar a própria noção de valor ou o que se enquadra nela, Renan antevê o risco de se oferecer uma formação que, pretensamente laica, carrega consigo valores advindos de alguma religião específica, principalmente do cristianismo. “Não se percebe que há um viés nessa suposta universalidade de valores”, adverte. Além disso, o pesquisador observa que há alguns hábitos que também representam, de alguma maneira, a presença de crenças religiosas específicas no contexto escolar como se fossem naturais. Entre estas, estão os hábitos de rezar e de ler a bíblia, e as celebrações de Páscoa e Natal. “Muitas vezes, nem são percebidos como temas religiosos”, aponta.

Hábitos como o de ler a bíblia representam a presença de crenças religiosas específicas no contexto escolar como se fossem naturais





FABIANO DUTRA/JU

Para o pesquisador do Centre Edgar Morin, as universidades deveriam abandonar a organização por departamentos

# Revolução no pensamento

**Alfredo Pena-Vega**  
Sociólogo  
propõe encarar a complexidade do mundo atual de forma mais aprofundada e analisa a onda de protestos no Brasil

Everton Cardoso

Se a realidade é complexa, entendê-la e propor novos rumos só pode vir de uma forma de encará-la que seja de igual complexidade. Assim o sociólogo Alfredo Pena-Vega propõe que se pense o mundo contemporâneo, sobretudo a partir do contexto universitário. Nascido no Chile e atualmente radicado na França, é pesquisador do Centre Edgar Morin e docente na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, ambos em Paris. Suas pesquisas giram ao redor de eixos que partem, principalmente, do paradigma denominado *epistemologia da complexidade*. Pretende, assim, pensar a ciência e o mundo de outra maneira. A partir dessa perspectiva, investiga catástrofes ecológicas, naturais, tecnológicas e sociais; o modo como os jovens veem a crise na Europa; a percepção e representação das mudanças climáticas em territórios rurais; e a situação da universidade contemporânea. Em entrevista ao JU, o pesquisador interpreta os protestos que têm ocorrido pelo Brasil, fala a respeito do paradigma de pensamento que considera o mais adequado para entender o mundo e critica a forma de organização das instituições universitárias na atualidade.

**Como se estabeleceu sua ligação com o nosso país?**

Eu vivi no Brasil por dois anos e meio entre 1976 e 1978. Nasci no Chile, mas, com o golpe de Estado, minha família e eu nos refugiamos na Argentina, esperando voltar. Não imaginávamos que fosse durar tanto tempo. Com o golpe argentino, viemos para o Brasil. Aqui, de alguma forma, era tranquilo em relação ao que havia nos outros dois países. Chegamos a São Paulo e ninguém nos conhecia. Depois, nos exilamos na França. Anos mais tarde, voltei e fiz minha tese de doutoramento sobre o Brasil: era um estudo sobre a transposição de modelos tecnológicos do centro para a periferia na indústria automobilística. Sou sociólogo do trabalho e atuei aqui de 1984 a 1988.

**Como avalia a história brasileira recente?**

O Brasil fez seu percurso para a democracia muito bem. O fato de termos gente na rua, atualmente, é sinal disso. É muito saudável. Toda democracia deve ter conflito, do contrário, não tem sentido. O país reúne todas as condições de enfrentar esses problemas, pois revela uma maturidade política. A questão é que não há bons políticos. Mas tem gente muito inteligente e que pode fazer com que as coisas mudem. Mesmo entre os políticos, há vários muito bons, que são inteligentes e honestos. Não podemos misturá-los todos. Generalizar é perigoso. Cheguei sem saber o que estava ocorrendo, pois lá fora quase não se fala sobre os acontecimentos daqui, só sobre a Copa das Confederações. Vi as manifestações como um bom sinal, de um país que deve deixar que os cidadãos expressem seus problemas. A questão é como, politicamente, isso vai ser canalizado. Se não há condições para isso, fica uma situação sem controle.

**O que causa uma movimentação social dessa ordem?**

O problema dos ônibus é secundário, não é que seja menor, mas é secundário. A questão fundamental é a falta de reconhecimento das classes sociais. Elas não se reconhecem como tal, principalmente a classe média, que não tem identidade. Ela não sabe de onde vem; vem de todos os estratos sociais e de nenhum ao mesmo tempo. Esse grupo, entretanto, é importante para o país ter reconhecimento social. Esse processo passa pelas necessidades que essas pessoas têm e que são, muitas vezes, as reivindicações de todas as classes médias no mundo. Em primeiro lugar, educação. A classe média é angustiada socialmente, porque precisa ter a possibilidade de formar seus filhos, e isso tem um custo. Senão, sentem-se fracassados em termos familiares. Também a saúde é fundamental, mas não é uma questão só do Brasil. Em todas as sociedades, hoje, as classes médias reivindicam um bom serviço de saúde. Os cuidados nessa área se privatizaram em todo o mundo. É caríssimo ter cobertura privada! O terceiro ponto importante é que a classe média – que, proporcionalmente, paga mais impostos que os ricos – quer saber aonde vai esse dinheiro. Quando ela vê a forma como funciona o sistema político, com corrupção, fica revoltada. Esses são aspectos que fazem com que se exijam mudanças.

**Que papel tem a classe política nesse processo?**

As regras do jogo político têm de ser claras e limpas. Há nações, no mundo, em que político que toma dinheiro público tem sua carreira encerrada. Não é possível que roubem e ainda possam ser eleitos. Há uma batalha mundial contra a corrupção que precisa ser travada em todos os países e em todos os níveis. Se não houver regras claras para que o jogo funcione adequadamente, qualquer doido anuncia que vai salvar a pátria, e corremos o risco de cair na mão de um ditador.

**Como as universidades participam disso?**

Uma universidade tem de se repensar a partir das necessidades da sociedade. Ela não pode pensar somente sobre o que ela acredita ser uma 'moda científica'. É preciso ter um resultado, um retorno social. Quando falamos de universidade, nos referimos à missão política que essa instituição deve ter. Assim, a sua concepção de si mesma tem de ter uma função clara em relação ao futuro político de uma sociedade. Mas político no bom sentido, pensando no homem, de uma forma geral. Não é pensar em partidos, mas em função do que nós precisamos como seres humanos. Depois, é necessário pensar no que a universidade quer produzir como conhecimento e para quê. Hoje, por exemplo, em grandes cidades, vemos uma atrofia do sistema urbano. As cidades são inumanas, e a universidade tem de produzir conhecimento para resolver esse problema; tem de pensar a cidade do futuro, que oferecerá uma melhor condição de vida. Além disso, é preciso refletir sobre a organização do conhecimento. As instituições universitárias deveriam estar organizadas por temáticas, a partir dos grandes desafios da humanidade, não por departamentos. Poderiam ser criados grupos transversais a fim de pensar os novos conhecimentos. A partir de desafios como os ecológicos, éticos e sociais, é possível imaginar quais conhecimentos são úteis à sociedade. Há, ainda, a transmissão de conhecimentos: a universidade tem de se adaptar às novas formas de difusão de saberes. Por exemplo, as redes sociais e todos os demais recursos oferecidos pela internet podem servir para compartilhar o que os pesquisadores produzem.

**Como devem estar articuladas a produção, a organização e a transmissão de conhecimentos?**

Esses eixos têm de dialogar de forma contínua e interligada. É isso que per-

mite a boa formação dos jovens para lidar com diferentes temas e conhecimentos, e ter uma visão mais global das coisas, enxergar o outro lado de uma realidade que é muito complexa. Isso está relacionado à própria complexidade do mundo. O que deveríamos começar a viver hoje, dada à situação atual, é uma metamorfose, uma transformação radical. É muito mais que uma revolução paradigmática: consiste em uma transformação de nossa visão do mundo. É uma proposta muito ambiciosa, mas a universidade não se questiona, continuamos na mesma mediocridade. Se prosseguirmos assim, estaremos formando pessoal medíocre para um sistema igualmente medíocre. São desafios muito profundos. Achas que podemos olhar para o que está acontecendo com os jovens no Brasil, hoje, unicamente com uma visão linear? Achas que o sociólogo sozinho pode explicar? Achas que o economista vai dar uma resposta? Não. Cada um daria uma visão parcial. Um pensamento complexo é que permite unir as diferentes partes para compreender o todo. E qual é o todo hoje no Brasil? É tudo o que acontece na sociedade, na economia, na política, na ecologia... É preciso unir essas partes para compreender o todo. As universidades formariam generalistas, pois nossa sociedade tem patologias que os especialistas não conseguem resolver.

**Já há mudanças nesse sentido?**

Existem universidades nas quais há dirigentes que são visionários e que acham que a instituição não pode continuar nesse rumo: eles procuram fazer algo novo. Tentam, por exemplo, fomentar a interdisciplinaridade, reorganizar a instituição não mais por departamentos, mas por temas, de forma transversal. Tentam, também, fazer com que a universidade olhe cada vez mais para fora, afinal a universidade está na sociedade e vice-versa. São esses visionários que temos de apoiar.



# Parceria além-mar

## Cabo Verde Cooperação entre UFRGS e universidade africana é impulsionada por edital da Capes

Desde 2007, a UFRGS vem colaborando para consolidar a educação superior africana. A parceria que mantém com as universidades daquele continente busca garantir a qualidade das estruturas universitárias de países de descolonização recente. É o caso da República de Cabo Verde, país com o qual a Universidade intensificou, agora em 2013, os laços colaborativos. Uma das novidades para este semestre é o início de um programa de mobilidade acadêmica para alunos e professores da UFRGS e da Universidade do Cabo Verde (Uni-CV).

Os primeiros passos dessa cooperação foram possibilitados pelo edital *Capes-África Ciências Sociais*, responsável pela implantação do mestrado e do doutorado na área. A criação dos cursos envolveu o intercâmbio de pesquisadores e professores do Departamento de Ciências Sociais da UFRGS, bem como dos programas de pós-graduação em Sociologia do IFCH e em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas.

O contato inicial permitiu a aproximação dos profissionais da UFRGS com a zona rural da Ilha de Santiago, sede da Uni-CV, e levou ao desenvolvimento de uma ideia que se materializou no início deste ano: a criação do primeiro curso de Agronomia Socioambiental de Cabo Verde. Contudo, a realidade do país tornou a proposta um desafio para quem a concebeu.

Como conta o professor Fábio de

Lima Beck, responsável pelo apoio pedagógico ao curso em criação, as dificuldades socioambientais do país africano impediram a utilização de uma estrutura curricular aos moldes da graduação brasileira. Por ser formado por um conjunto de 10 ilhas de origem vulcânica muito escarpadas, Cabo Verde tem um solo extremamente frágil e bastante vulnerável aos processos erosivos. A falta de água é outro problema: além de não possuir nenhum rio de água doce, o país também sofre constantemente com os ciclos de seca. O processo de acumulação de água é ainda muito recente por lá, sendo que a primeira represa foi construída há apenas oito anos, com apoio da China.

**Aposta no setor agrícola** – Colônia de Portugal desde o século XV, a República de Cabo Verde só obteve independência em 1975. Os resquícios de anos de exploração manifestam-se na realidade social cabo-verdiana, marcada pela desigualdade e pela pobreza extrema, por um baixo grau de alfabetização e por disputas acirradas entre as elites.

Assim, o investimento na formação superior surge como uma saída para o desenvolvimento do país e, no caso da licenciatura em agronomia, como uma oportunidade para aprimorar o setor agrícola, gerar empregos e fomentar a indústria da região.

A partir da análise e dos estudos da realidade cabo-verdiana, possibilitados por uma série de intercâmbios de integrantes do Núcleo de Apoio Pedagógico da Faculdade de Agronomia da UFRGS e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas, foi elaborado um projeto pedagógico diferente. “No Brasil e na Europa, os cursos de agronomia são predominantemente técnicos. Para Cabo Verde, a proposta é de uma formação atenta às questões ambientais e sociais”, esclarece o professor Fábio.

Com um conteúdo voltado à realidade local e desenvolvido com a participação dos alunos, o curso adquiriu uma denominação diferente: Agronomia Socioambiental. Para Elsa Barbosa Simões, diretora da Escola de Ciências

Agrárias e Ambientais, sede do curso, a parceria tem ajudado no suporte ao desenvolvimento de Cabo Verde, auxiliando a pensar soluções que interessem ao país. “Essa cooperação traz, acima de tudo, experiência no domínio do ensino e da pesquisa que a nossa jovem universidade e a ainda mais jovem escola não detêm”, avalia a diretora.

**Projeto-piloto** – A colaboração dos estudantes é um dos fatores que contribuem para a abordagem de questões e demandas específicas do país. Os alunos possuem uma média de idade de 21 anos e são oriundos, majoritariamente, da zona rural de Cabo Verde. Como comenta Elsa, “eles demonstram grande sensibilidade para a agricultura e muita vontade de aprender”.

Sobre os resultados notados, o professor Fábio diz que ainda é cedo para fazer uma avaliação, já que o curso acaba de encerrar as aulas do primeiro dos oito semestres previstos. O que se pode observar é que a iniciativa se mostra “importantíssima para a realidade local”

e tem tido visibilidade na região. “O embaixador do Brasil esteve lá e elogiou muito a iniciativa”, conta o professor.

Na avaliação de Elsa, os frutos têm sido bastante positivos. Os problemas que existem decorrem, sobretudo, das deficiências do próprio sistema educacional cabo-verdiano. “Esta primeira edição foi tratada como um projeto-piloto, cujas lições serão utilizadas para fazer os ajustes que se mostrarem necessários à formação de um currículo que dê satisfação ao país e realização aos estudantes”, ajuíza.

Recentemente, a Faculdade de Agronomia da UFRGS foi uma das selecionadas pelo Edital n.º 33/2012 de mobilidade internacional entre países de língua portuguesa da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Assim, em breve ocorrerá o aumento do fluxo de graduandos, mestrandos, doutorandos e professores, o que deverá intensificar a cooperação entre as duas universidades.

Júlia Corrêa, estudante do 6.º semestre de jornalismo da Fabico

## Atenção à alimentação

Uma das sustentações do mestrado e do doutorado em Ciências Sociais na Uni-CV veio do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Quando o projeto obteve apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário brasileiro, em 2010, foi possível uma atuação mais intensa na região, com a criação do Núcleo Interdisciplinar de Investigação em Desenvolvimento Rural Sustentável.

A preocupação inicial era implantar um observatório de políticas públicas, mas o projeto cresceu, e agora está em desenvolvimento um observatório de segurança alimentar. Trata-se de uma proposta semelhante àquela já desenvolvida pelo PGDR no Rio Grande do Sul e consiste no monitoramento de indicadores como renda, educação e acesso à alimentação, baseado no Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, com ênfase em populações tradicionais e agricultores.

A experiência será levada a Cabo Verde e adaptada à realidade de lá pelos profissionais da Uni-CV. Apesar

das dificuldades ambientais e da forte dependência de recursos do exterior, a produção agrícola familiar ainda é a principal forma de sustento da população daquele país. Segundo a professora Rumi Regina Kubo, coordenadora da ação, no outro continente, o observatório abarcará questões mais amplas, além da segurança alimentar, mas com a vantagem de, por ser um país pequeno, haver maior colaboração por parte do Estado e do Ministério da Agricultura na divulgação dos índices. “Aqui no Brasil isso ainda é muito difícil”, revela Rumi.

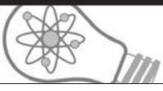
A meta é, a partir dessa colaboração, criar uma plataforma digital de divulgação dos dados obtidos pelas ações de monitoramento para a consulta por gestores, prefeituras e secretarias. E, justamente pela relação mais próxima da Uni-CV com o Estado, é que se tem lá a necessidade mais direta de uma ferramenta como essa. A dificuldade, entretanto, surge pela falta de infraestrutura para acesso à rede. A professora Rumi explica que em Cabo Verde o alcance da internet ainda é muito restrito.

O edital de mobilidade da Capes vai permitir, neste semestre, o intercâmbio de graduandos, doutorandos e pesquisadores do PGDR. Já está prevista a ida de dois alunos da UFRGS de origem quilombola. Para Rumi, a troca de experiências desses alunos será enriquecedora, pois poderão compreender sua origem de maneira mais ampla. Além da ida desses estudantes, alunos da Uni-CV também virão para a UFRGS. É o caso da orientanda de mestrado de Rumi, que terá a chance de fazer um trabalho comparativo entre as duas realidades. Mesmo que não tenham se inscrito para o edital, outras universidades que trabalham com a perspectiva quilombola também colaboraram com o projeto, como a UFPA e a UFBA.

Uma das metas futuras é, à medida que haja a melhora da rede de Cabo Verde, disponibilizar para a Uni-CV uma das principais atividades do PGDR: um curso de graduação a distância em desenvolvimento rural, já oferecido aqui. “Muito mais do que incrementar a pesquisa, a ênfase é possibilitar essa troca de conhecimento”, elucida a professora.



Iniciativas da UFRGS pretendem mudar a realidade de locais como a aldeia dos Rabelados de Espinho Branco, na Ilha de Santiago



MARINA CAVALLI/ACERVO PESSOAL

# Rodando com o Sol

A prefeitura de Paris mantém, desde 2011, um sistema de aluguel de carros elétricos, que podem ser devolvidos em quaisquer estações de recarga espalhadas pela cidade

**Inovação**  
*Estudantes da Escola de Engenharia da UFRGS desenvolvem projeto de carro movido à energia solar e participam de concurso internacional*

Jacira Cabral da Silveira

O verão em Lajeado pode chegar aos 40° fácil, fácil. Muitas vezes, essa condição climática está associada ao fenômeno *El Niño*, que corresponde à elevação da temperatura da superfície do oceano Pacífico em determinados períodos do ano. Tamanho calor também se justifica pela situação geográfica do município, que fica num vale à margem direita do rio Taquari. Mas não foi esse calor perturbador que quase assou os miolos de Marina Cavalli e Patrícia Trombini durante o verão de 2012, enquanto passavam as férias na casa dos pais.

“Amigas desde sempre”, como Marina costuma dizer, elas haviam programado um descanso diferente para aquele verão: elaborar o projeto para inscrever no *Go Green in the City* – concurso promovido pela Schneider Electric, empresa francesa com atuação mundial no setor de gestão de energia. Com o objetivo de incentivar a criação de soluções viáveis para a gestão energética em setores fundamentais para as cidades,

a competição anual destina-se especialmente a estudantes do Brasil, da China, da Alemanha, da Índia, dos Estados Unidos, da Rússia, da Turquia e da Polónia.

Marina e Patrícia são alunas dos cursos de Engenharia Mecânica e de Produção da UFRGS, respectivamente, e dentre suas muitas afinidades está o interesse por tecnologia. A cada nova leitura, comentam a respeito e acabam buscando mais informações para comprovar hipóteses ou apenas jogar conversa fora. Assim, ao lerem um artigo sobre aluguel de veículos, muito comum em países europeus, surgiu o interesse por carros elétricos. “Por que você precisa ter um carro se você dirige de uma a duas horas diárias, e o resto do dia ele fica parado?” A pergunta do texto as fez refletir: “Vamos fazer um carro com placa fotovoltaica que dará energia à rede enquanto ele estiver parado”, animam-se de imediato para depois repensar: “Isso não vai dar certo?”, riem juntas, com a cabeça já quente de tanto pensar.

**Inovação** – Uma ideia nova, quando surge no mercado, só atrai aqueles que não têm medo de aceitar o novo, os chamados loucos por inovação. Depois, há os primeiros ‘aceitadores’, que desejam descobrir o que é esse tal produto diferente. Existem também aqueles que aceitam as inovações, mas já como um produto. Todos esses constituem metade do mercado; na outra metade, encontram-se os que só aderem depois de que está tudo provado e testado e os que aceitam a inovação quando já não têm mais como fugir dela. Para Marina, essa foi a lição mais importante que tirou da experiência, ou seja, entender o percurso de uma ideia inovadora e o quanto é preciso desafiar a si mesma quando se depara com uma provocação do superego: “Isso não vai dar certo”.

De 26 a 29 de junho, Patrícia e Marina apresentaram seu projeto em Paris, juntamente com outras 24 duplas participantes, após terem passado por uma triagem inicial que envolveu 600 projetos. Mesmo que não tenham voltado com a premiação, retornaram com uma visão mais qualificada do mercado no qual estarão atuando daqui a alguns semestres. “Quero investir em meu próprio negócio”, assegura Marina, pronta para encontrar certa resistência, pois o que pretende criar talvez não seja aceito prontamente pe-

los diferentes tipos de consumidores. Tal certeza apoia-se na lição citada anteriormente, e que ambas ouviram numa das palestras realizadas durante o evento na França, na qual um especialista em tecnologia da Schneider Electric falou sobre inovação.

A vencedora do *Go Green in the City* 2013 foi uma dupla das Filipinas, que já havia disputado e ganhado o primeiro lugar em outro concurso semelhante. Na hora da premiação, Patrícia ficou admirada com o número de agradecimentos das estudantes

filipinas aos professores de sua universidade. Aspecto que certamente contou muito para o resultado do projeto, considera Marina, para quem a qualidade do protótipo e a apresentação consistente foram quesitos igualmente definidores. “Lá partiu da universidade a ideia do desenvolvimento de projetos para encaminhar ao concurso”, acrescentou a estudante de Mecânica, que descobriu a competição numa de suas varridas nos sites de oportunidades internacionais para projetos acadêmicos.

## Objeto de desejo sustentável

De acordo com a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), a geração de energia próxima ao local de consumo ou na própria instalação consumidora, chamada de “geração distribuída”, pode trazer uma série de vantagens sobre a geração centralizada tradicional, como, por exemplo, economia dos investimentos em transmissão de energia, redução das perdas nas redes e melhoria da qualidade do serviço.

Um carro movido à energia solar, conforme o projeto de Patrícia Trombini e Marina Cavalli, alunas da UFRGS nos últimos semestres dos cursos de Engenharia de Produção e Mecânica, respectivamente, vem ao encontro da incipiente política de incentivo ao uso de energia sustentável em território nacional.

Em abril do ano passado, enquanto as estudantes começavam a pensar no projeto para o concurso *Go Green in the City*, a ANEEL aprovava a criação do Sistema de Compensação de Energia, que permite ao consumidor instalar pequenos geradores em sua unidade consumidora e trocar energia com a distribuidora local. Ainda que a norma refira-se mais diretamente a geradores residenciais, já é um começo, avaliam as futuras engenheiras, ao reforçar a conveniência de seu projeto.

O projeto de carro desenvolvido pelas estudantes tem basicamente duas fases de funcionamento: durante o dia, ele absorve a energia do sol e a direciona para a rede, por meio de um fio ligado a uma fonte receptora, instalado na via pública. Exatamente como quando ligamos qualquer aparelho na tomada em nossas residências, com a diferença de que, em vez de consumir energia, o carro repassa a energia solar coletada por ele à rede. À noite, o processo é inverso, pois é o veículo que ‘retira’ da rede a energia necessária para recarregar sua bateria para o uso do dia seguinte. “Em contrapartida, o proprietário do carro teria abatimento na sua conta de energia no final do mês, assim como já ocorre em países como Alemanha e França”, explica Patrícia.

A geração de eletricidade a partir do sol ocorre por meio de módulos solares, os painéis fotovoltaicos. O termo que

surge da união de duas palavras: *foto*, que tem sua raiz na língua grega e significa luz, e *voltaica*, que vem de *volt*, que é a unidade para medir o potencial elétrico. Sendo assim, o painel fotovoltaico a ser utilizado no teto do carro projetado por Marina e Patrícia é constituído de células solares, normalmente feitas de fatias superfinas de lingotes de silício cristalino, filmes finos de silício amorfo, Telureto de Cádmio ou Disseleneto de Cobre e Índio. Os sistemas fotovoltaicos não precisam de um dia de céu limpo com muito sol para operar. Na verdade, devido à reflexão dos raios solares, dias levemente nublados podem resultar em campos com mais energia do que aqueles sem nenhuma nuvem no céu.

Enquanto a eficiência do motor de um carro convencional é de 30%, a de um motor elétrico é de 90%, isso sem contar que este último tem muito menos peças, o que reduz significativamente os gastos com manutenção.

Por outro lado, as projetistas reconhecem que em países como o Brasil, por exemplo, a elevada carga tributária que incide sobre o preço final assusta os consumidores. Hoje, os 70 carros elétricos emplacados que circulam pelo país custaram aos seus proprietários 35% de imposto de importação, mais 55% de IPI, mais 13% de PIS/COFINS, mais 12 a 18% de ICMS, dependendo do estado, fazendo com que a tributação que incide sobre os carros elétricos possa ultrapassar os 120%. Com isso, o preço médio hoje no Brasil chega a R\$ 200 mil.

Como o projeto de Patrícia e Marina foi desenvolvido para mercados estrangeiros, elas não chegaram a esbarrar nesses entraves do mercado nacional. A Europa, por exemplo, mantém a liderança como maior mercado para energia solar com 80% do total global, com destaque para Alemanha, Espanha e Itália. Mesmo assim, as alunas da UFRGS são otimistas e garantem que “o Brasil tem espaço para o mercado crescer em inovação, porque o consumidor brasileiro não tem tudo, assim como tem o europeu. Ele ainda pode consumir muita coisa”, antecipam.



# Simões Lopes Neto inédito

## Memórias

*Relato de infância do consagrado autor é publicado, com edição de Luís Augusto Fischer*

Por cerca de cem anos, a obra *Terra Gaúcha – Histórias de Infância*, de João Simões Lopes Neto, esteve à sombra do anonimato. Passou pelas mãos da viúva do escritor, do advogado e benfeitor da família, Mozart Russomano, e, por fim, de Fausto Domingues, sócio do Instituto João Simões Lopes Neto, sediado em Pelotas, cidade natal do autor. Fausto, ao adquirir o acervo, teve a chance de recuperar duas obras completas nunca antes publicadas. Além de *Terra Gaúcha*, o consagrado ficcionista de *Contos Gauchescos*, *Lendas do Sul* e *Casos do Romualdo* também escreveu *Artinha de Leitura*, criada para ser usada como uma cartilha de alfabetização. As obras redigidas entre 1904 e 1906, foram consideradas muito à frente de sua época, significando um possível prelúdio do estilo de Monteiro Lobato e sua preocupação em formar jovens leitores.

Ambos os escritos foram lançados com edição de Luís Augusto Fischer, professor do Instituto de Letras da UFRGS. Ele trabalhou no acervo por dois anos, em um processo que envolveu a leitura minuciosa e a revisão dos manuscritos, e considera que o texto tem um caráter revolucionário evidente: “Na época, autores como Lima Barreto desvalorizavam certas figuras brasileiras, como o índio ou o mulato. Lopes Neto rompe com este paradigma e descreve personagens livres de preconceito”. Ainda em comparação com outros escritores do início do século XX, Fischer destaca que o texto se abstém das marcas do realismo e do parnasianismo da época, como o patriotismo exagerado, a linguagem rebuscada ou a eventual pregação religiosa.

**Narrativa infantil** – A primeira parte de *Terra Gaúcha*, intitulada de “*As férias, na estância*”, relata as temporadas

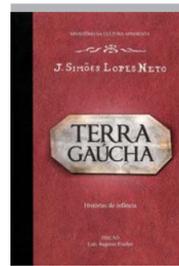


FLAVIO ULTRA / ARQUIVO JU - ABR/2008

que o menino passava na fazenda da família. O leitor se depara com vocábulos em desuso como “botica” (que significa farmácia) e episódios bucólicos envolvendo cavalos e homens do campo. Esses capítulos vão construindo a imagem da cultura gaúcha típica daquele período. Também é interessante observar o modo como as histórias são pontuadas pelas impressões de um narrador-criança, como no seguinte trecho: “*Só não gosto quando papai dá para falar em política: a gente nunca entende nada. Até me dá sono*”. Segundo Fischer, o autor tinha uma preocupação visionária com a formação cívica da sociedade: colocar uma criança como protagonista e narradora demonstrava

essa sensibilidade. Enquanto isso, brincadeiras e reflexões em sala de aula pautam a segunda parte do livro, “*O estudo no colégio*”. A temática é baseada no cotidiano escolar do protagonista e de seus colegas.

**Facilitando a leitura** – Lançada pela editora Belas-Letras, a edição conta com o texto integral e com a ortografia atualizada. A publicação recebeu, ainda, uma série de notas de rodapé explicativas, essenciais para a boa compreensão do livro. Também acompanham o volume três outros textos: uma nota biográfica, por Carlos Diniz; um relato sobre a história do manuscrito, por Fausto Domin-



### Terra Gaúcha - Histórias de Infância

João Simões Lopes Neto - edição de Luís Augusto Fischer  
Porto Alegre: Belas-Letras, 2013  
275 páginas  
R\$ 69,90 (kit *Terra Gaúcha* e *Artinha de Leitura*)

gues; e um ensaio sobre o contexto histórico e alguns aspectos literários da obra, feitos por Fischer. Porém, é preciso diferenciar *Terra Gaúcha* de outro livro do autor, publicado postumamente, em 1955, intitulado *Terra Gaúcha - História Elementar do*

*Rio Grande do Sul*. Fischer assinala que *Terra Gaúcha* ganhou o subtítulo “*Histórias de Infância*” justamente para evitar possíveis confusões.

Rafaela Pechansky, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabcio



### A Vaca Transparente

Cláudio Levitan | Porto Alegre: Libretos, 2013  
64 páginas | R\$ 26 (valor médio)

## Retrato de época

É estranho perceber o quanto uma história que começou a ser escrita há 42 anos pode permanecer atual. É justamente esse o grande trunfo de *A Vaca Transparente*, novela criada por Cláudio Levitan para o semanário *Pato Macho*, jornal porto-alegrense que marcou a imprensa alternativa, apesar de ter falido depois de apenas 15 edições.

O autor, que atuou como arquiteto, fez músicas, desenhou histórias em quadrinhos e escreveu livros infantis e infanto-juvenis, retomou essa história inacabada, fazendo o resgate histórico de uma época. Um tempo em que, segundo diz o texto de Luis Fernando Verissimo para a orelha do livro, “éramos jovens mais loucos, ou loucos mais jovens”.

A narrativa fala da revelação de um segredo que provoca revolta, protestos e destruição pelas ruas e é violentamente reprimida.

Conforme explica na apresentação da obra, a ideia para o enredo surgiu dos devaneios do autor inspirados por uma antiga ilustração instalada no escritório do professor Ernesto Paganelli, recém-expurgado da Faculdade de Arquitetura da UFRGS pela ditadura, onde Levitan estagiava.

Lançada com o título de *Knowela*, a história reflete as dúvidas que assolavam a juventude na década de 1970 – um período de experimentação e ousadia, mas também de medo e proibições, marcado pela censura e pelo abuso de poder.

Navegando dos quadrinhos à prosa, o leitor é apresentado a dois cavaleiros que discursam sem destino: Dânutu, um camponês medieval e rebelde, e Tipístolo, seu parceiro, filósofo da Grécia Antiga.

Depois de uma abertura em que Dânutu e Tipístolo expõem seus demônios, o autor introduz na história duas estranhas figuras [os censores], que passam a discutir os rumos da novela. Esses personagens sem nome, cujas falas oscilam entre o autoritarismo e a paranoia, tentam interferir nos rumos da narrativa. Nos trechos em que eles aparecem, estabelece-se um clima meio *nonsense*, recheado de diálogos com o leitor e com o próprio narrador. É também por meio dos diálogos dessas figuras que o autor aproveita para fazer uma crítica à censura instalada nas redações e à alineação das novelas, que tanto sucesso fizeram nos anos 1970.

Na jornada dos cavaleiros, enquanto Dânutu passa a preocupar-se em descobrir e revelar um segredo, Tipístolo torna-se responsável pelas ações do companheiro. Então, os dois se lançam em uma aventura que os levará até um guru instalado em Londres, que finalmente lhes revelará o que ainda não foi dito. Quando Dânutu encontra um meio de anunciar a profecia do guru ao povo, provoca uma revolta popular que selará o destino da dupla. (Ânia Chala)



### Mercado Público: Palácio do Povo

Textos Rafael Guimarães, fotos Marco Nedeff, ilustrações Edgar Vasques  
Porto Alegre: Libretos, 2013 | 168 páginas | R\$ 68 (valor médio)

## Patrimônio da cidade

“O Mercado Público é um forte. Uma fortaleza construída junto ao lago Guaíba pela força do operário branco e do escravo negro. Um exemplo de convívio, boemia e tradição, abençoado por todas as divindades, na inesgotável comunhão de aromas e sabores, crenças e cores. Um palácio democrático, que suporta tempestades, incêndios e conspirações, pois nele habita a alma do povo.” Assim Rafael Guimarães apresenta o prédio que, apesar do recente incêndio que nos privou de passear por seus corredores, está na memória e no coração de todo porto-alegrense.

O livro, recheado de fotos e ilustrações, traz uma completa pesquisa sobre a história da edificação, cuja construção inicia em julho de 1864 e se estende até janeiro de 1870. A obra foi marcada por atritos permanentes entre o poder público e o construtor, o empreiteiro Polidoro Antônio da Costa Júnior, envolvido com a construção simultânea do Mercado de Jaguarão. Além disso, o prédio projetado pelo arquiteto Friedrich Heydtmann tinha um desenho alinhado com a escola neoclássica alemã e muito arrojado para os padrões da época.

Finalizada a construção, o espaço torna-se o rumo natural para os escravos libertos que desejavam reconstruir suas vidas. No entanto, a grande maioria continua servindo a seus senhores durante três a cinco anos, sem receber qualquer pagamento, como uma espécie de “indenização”. É o caso das *pretas minas*, mulheres pertencentes à categoria das escravas de ganho, um perverso subproduto mercantil da escravatura: têm liberdade

para sair durante o dia, mas, ao fim de cada jornada, devem entregar ao senhor uma parcela dos seus ganhos. Conforme esclarece o autor, a expressão *mina* abrange todos os grupos étnicos de escravos trazidos para o Brasil a partir do entreposto de São Jorge da Mina, uma gigantesca fortaleza situada na região hoje pertencente à República de Gana.

Um personagem importante ligado à história do Mercado é o príncipe José Custódio Joaquim de Almeida, que chegou a Porto Alegre em 1901 envolto em mistério. Ele seria primogênito do rei da tribo *benis*, integrante da nação Jeje, e deixou sua terra natal – a atual República de Benin – quando seu país foi ocupado pela Inglaterra. Morador de um sobrado na Cidade Baixa, sua vida tinha duas facetas: se, por um lado, frequentava o Hipódromo dos Moinhos de Vento e cultivava hábitos sofisticados, por outro, era um babalorixá, figura de destaque na hierarquia das religiões de matriz africana. Ele teria feito o assentamento do *Bará* no centro da encruzilhada entre os dois passeios que atravessam o Mercado Público. O *Bará* é o orixá dos caminhos, que protege os espaços fora dos templos religiosos. O ritual consiste numa cerimônia em que é enterrado o *ocutá* – um objeto que pode ser uma pedra ou um pedaço de madeira – no local a ser protegido. Embora Guimarães ressalve que há dúvida sobre se esse assentamento realmente ocorreu, ele está instalado no imaginário da cidade. (Ânia Chala)



# Amigos da cultura

**Gestão** Com os baixos orçamentos destinados ao setor cultural no Brasil, as associações de apoio assumem papel indispensável na alocação de recursos

Jacira Cabral da Silveira

“Ousado, muito ousado!” Era o comentário que corria à boca miúda entre os porto-alegrenses boquiabertos diante das passarelas suspensas sobre a via pública que interligavam os dois lados da Travessa Araújo Ribeiro, quase às margens do Guaíba. O projeto em construção, assinado pelo arquiteto alemão Theodor Alexander Josef Wiederspahn, exibia grandes arcadas, terraços, sacadas e colunas, compondo uma estrutura de soluções inéditas para a época. Ainda não era o ano de 1933, quando foi concluída a obra do Hotel Majestic, que ao longo de sua existência abrigou personalidades como o presidente Getúlio Vargas, a vedete Virgínia Lane e o artista Francisco Alves. Mas seria o nome de Mário Quintana que ficaria eternizado quando, em 1983, o hotel foi transformado em Casa de Cultura, em homenagem a um de seus mais ilustres e permanentes hóspedes.

Nos tempos áureos, o Majestic destacava-se no cenário da cidade que via crescer uma grande quantidade de bares, casas de chá e cafés. Os frequentadores vinham à procura de descanso ou simplesmente para o ‘footing’ – passeio casual com troca de olhares entre moças e rapazes especialmente feito na rua da Praia.

## O mercado de museus brasileiro é altamente dependente das associações de amigos

Aos poucos, o hotel foi se constituindo num marco histórico do período de desenvolvimento e modernização de Porto Alegre, localizado em uma região privilegiada. “Um trapiche trazia diretamente os hóspedes para o hotel”, relata a historiadora Rejane Penna. Entretanto, a rotina do lugar começa a mudar drasticamente a partir dos anos 50 e 60, com a nova dinâmica econômica e social refletida nos costumes da população. É quando começam a surgir hotéis com instalações mais modernas, e as elites se mudam para os bairros. As pessoas não viajam mais nos vapores, e o muro da Mauá impede o acesso livre ao porto. Assim, aos poucos, dos 300 quartos originais, apenas 100 continuam funcionando, e nos anos 70 o Majestic é colocado à venda.

Por essa época, acirra-se na cidade um debate sobre o patrimônio cultural da capital. Faz-se um levantamento, buscando-se identificar os prédios antigos com vistas à sua preservação arquitetônica. Com a aprovação da Lei Estadual n.º 7.803, de 8 de julho de 1983, que deu visibilidade ao

complexo cultural rio-grandense, era urgente a restauração do Majestic, que se transformara num prédio abandonado, muito distante daquele que marcara uma época de glamour na história da capital. Para tal empreitada, entretanto, surgiu a ideia da criação da Associação de Amigos da Casa de Cultura Mário Quintana (AACCMQ), que no ano que vem completa 30 anos. Como entidade civil sem fins lucrativos, ela poderia alocar os recursos governamentais e privados necessários à reforma. “A obra de transformação física do hotel em Casa de Cultura, entre elaboração do projeto e construção, desenvolveu-se de 1987 a 1990. O projeto arquitetônico foi assinado pelos arquitetos Flávio Kiefer e Joel Gorski, os quais tiveram o desafio de planejar 12.000 m² de área construída para a área cultural em 1.540 m² de terreno. Em 25 de setembro de 1990 a casa foi finalmente aberta”, detalha Rejane Penna.

**Associações** – Ao garantir que Porto Alegre não perdesse parte importante de sua história, possibilitando a restauração e as demais obras do Hotel Majestic para transformá-lo na Casa de Cultura Mário Quintana, a Associação de Amigos da CCMQ exemplifica a importância dessas instituições para os espaços culturais no Brasil. “É uma estrutura essencial para a viabilização do dia a dia dos equipamentos culturais brasileiros”, comenta o professor do departamento de Economia e Relações Internacionais, especialista em economia da cultura, Leandro Valiat, que defendeu recentemente sua tese de doutorado sobre o mecenato na história do Brasil numa perspectiva econômica. Segundo ele, especialmente o mercado de museus brasileiro é altamente dependente das associações de amigos na captação de recursos privados, no gerenciamento dos valores de ingressos e na proposição de projetos para se beneficiar com as leis de incentivo: “Coisas que os órgãos públicos não podem, pois já fazem parte da estrutura do governo”.

Considerando os institutos, instituições, fundações, museus e complexos de bibliotecas do estado, 18 desses órgãos contam com associações de amigos ativas e seis inativas, sendo que dez espaços não possuem entidade a eles vinculada. “Logo que assumimos, em janeiro de 2011, nossa equipe de juristas e administradores ouviu formalmente todos os dirigentes das associações para fazermos um diagnóstico de como funcionavam e se, eventualmente, teríamos de avaliar a relação que mantínhamos com elas. Salvo alguns casos pontuais, constatamos a solidez administrativa e financeira de todas”, assegura o secretário de Cultura do estado, Luiz Antônio de Assis Brasil.

Um desses casos pontuais sinalizados pelo secretário certamente refere-se à Associação de Amigos da Discoteca Pública do Estado, que há algum tempo está desativada em razão de uma pendência judicial. Uma causa



Por meio da sua associação de amigos, a CCMQ viabiliza a realização de reformas como a que agora se inicia

trabalhista originada por volta do ano 2000, na ocasião da montagem de uma ópera cuja verba para execução havia passado pela associação, motivou o imbróglio. “De lá para cá, a Discoteca tem essa dívida declarada em juízo e teria de ressarcir a associação, mas se a entidade existisse teria de honrar essa dívida. E ela ficou sem diretoria, sem nada. Diluiu-se no ar”, relata o diretor da Discoteca Pedro Figueiredo: “Felizmente isso não prejudica a discoteca de uma forma direta. Por outro lado, nos impede de ter esse instrumento, que poderia tornar algumas coisas mais ágeis, assim como faz a AACCMQ, que muitas vezes nos ajuda”, pois a discoteca opera no mesmo prédio.

Considerando esse panorama, Valiat ressalta a importância de haver uma reflexão sobre o papel que essas associações vêm assumindo. “Não estará além do conceito do que deve ser esse tipo de instituição? Será que não está substituindo a função da gestão pública de cultura?”, questiona-se. Para o especialista em economia da cultura, o fato de as associações se tornarem indispensáveis sinaliza a necessidade de um choque de gestão: “A forma como as coisas se processam na administração pública não atende ao dinamismo que o setor público cultural apresenta”. Por isso, na avaliação do economista, é que surgem tanto as associações quanto as OSCIPs (Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público) e as Organizações Sociais.

Por outro lado, Valiat não considera que as associações estejam ocupando um lugar ilegítimo, mas sim desempenhando uma função maior do que lhes cabe de fato: “Elas se convertem hoje em dia num escritório de gestão dentro dos equipamentos culturais como um todo”, afirma. Tanto é que atualmente existe uma determinação do governo federal para que tais organismos saiam dos prédios dos equipamentos culturais: “A gente não sabe se passa na sala do diretor do espaço cultural ou da associação de amigos”, ironiza, “isso porque, às vezes, a associação de amigos tem muito mais poder de gestão que o próprio diretor da instituição”, justifica.

## A administração pública não atende ao dinamismo apresentado pelo setor público cultural

**Manutenção** - Quando completar 30 anos no ano que vem, a AACCMQ pretende comemorar com o término das atuais obras de reforma, que incluem reparos na fachada, recolocação

de aberturas, instalações para acessibilidade e acabamentos, num custo total de 8 milhões de reais. “Para a elaboração do projeto, a Associação contratou uma museóloga, e o resultado foi a sua aprovação na íntegra”, orgulha-se Eduardo Vidal, atual presidente da entidade. Há 20 anos dedicando-se à instituição para assegurar a execução dos projetos da Casa de Cultura, Vidal reconhece o valor de organizações como essa, entretanto crítica o orçamento do estado para o setor da cultura. Com base em sua larga experiência em movimentos reivindicatórios junto aos deputados, que permanecem irredutíveis quanto à ampliação desse orçamento, ele afirma que “a cultura permanece no segundo degrau”.

Se considerarmos os valores arrecadados por apenas três das associações de amigos de espaços culturais do estado junto a fontes como o BNDES e a Caixa Econômica Federal, chegamos a mais de R\$ 52 milhões. Esse montante compreende tanto o custeio de obras de restauro e construção, tais como o Multipalco do Teatro São Pedro e a Biblioteca Pública do Estado, quanto a realização de projetos, como o da digitalização do acervo das obras do Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS). Valores desse vulto, de acordo com Morgana Marcon, diretora da Biblioteca Pública Estadual desde 2003, “não caberiam nas contas da Secretaria de Cultura do estado, cujo orçamento é escasso e compartilhado com as ações de Turismo”, avalia.

Redação: Ânia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## DESTAQUE

**Fernando Barba, criador do Barbatuques, durante oficina para o Unimúsica realizada na UFRGS**



## II Festival Maré de Arte

**Litoral Norte** Extensão universitária promove ações artístico-culturais em Tramandaí

De 17 a 21 deste mês, a UFRGS realiza, no Centro de Eventos de Tramandaí, a segunda edição do Festival de Inverno Maré de Arte. Organizadas pela Pró-Reitoria de Extensão, as ações artísticas propostas procuram promover o diálogo com os sotaques, os costumes e os comportamentos dos participantes.

Um dos destaques da programação será o show *Corpo do Som*, com o grupo paulista de percussão corporal Barbatuques, que se apresentará no dia 18 de agosto, às 18h. Criado pelo músico Fernando Barba em 1996, o núcleo artístico e pedagógico Barbatuques conta com 15 integrantes. Palmas, estalos, batidas no peito, sapateados, vácuos de boca são a matéria-prima para a produção de ritmos e melodias.

**Inspiração** – Para Fernando, o interesse em brincar com os sons produzidos a partir do corpo veio das brincadeiras e de jogos da infância. “Depois, quando adolescente, comecei a criar ritmos, misturando sons de batidas das mãos no peito, estalos de dedo e palmas. Passava muito tempo com amigos em rodinhas de batique corporal e com todos

improvisando ou tocando um ritmo em uníssono, sempre como uma grande diversão.” Ele diz admirar muito o trabalho de Bobby McFerrin, mas revela que o trabalho do músico estadunidense não foi uma influência para que ele começasse a fazer percussão corporal.

Questionado sobre se a música instrumental de fato exige maior atenção do ouvinte, ele afirma: “A música sem letra não tem barreiras de idioma e pode vir a atingir um grande público. No caso do Barbatuques, praticamos ambas as formas, tanto canções com letra (em português) quanto composições instrumentais. Consideramos o corpo um rico instrumento que contém inúmeros timbres e gera ritmos, melodias, harmonias, texturas, palavras e movimentos”, explica o músico.

*Corpo do Som* traz um repertório com composições próprias, improvisações, interações com a plateia e adaptações de ritmos e cantos do Brasil e de outras partes do mundo, tendo como eixo a música corporal. A retirada de senhas para ingresso no show deve ser feita no quiosque instalado no centro de Tramandaí.

**Diversidade** – A programação do Festival inicia no dia 17, às 17h, com um encontro do qual irão participar os corais da UFRGS, de Tramandaí, da Transpetro e de Santa Maria.

No dia 19, quatro bandas formadas por alunos da rede de ensino irão se apresentar no palco da UFRGS no Centro de Eventos Municipal em Tramandaí das 14h às 18h.

Nos dias 20 e 21, será realizado um curso de Gestão Cultural com a professora Rosimeri Carvalho da Silva, da Escola de Administração da UFRGS, com foco no Sistema Nacional de Cultura.

Encerrando a programação, no dia 22, dia do folclore brasileiro, Luís Carlos Borges, um dos principais nomes da música regional do RS, fará um show no palco do Centro de Evento, a partir das 18h. Na sequência, o Grupo Tchê, de Danças Tradicionais Gaúchas da UFRGS, apresentará o espetáculo *O Sul da América do Sul*, contando os entrelaçamentos das raízes sócio-históricas-culturais das danças gaúchas e dos países circunvizinhos do sul da América Latina. Mais informações podem ser obtidas pelo site [www.ufrgs.br/prorext](http://www.ufrgs.br/prorext).

## CINEMA

### Cinema Brasileiro na Estrada

Mostra organizada por Fernanda Boff e Regina Azevedo, especialistas em Cinema pela Unisinos, que apresenta uma seleção de *road movies* brasileiros. Os curtas abrem as sessões.

**BYE BYE BRAZIL** (Brasil, 1980, 115 min), de Cacá Diegues + **SEM CRÉDITOS NO FINAL** (Brasil, 2010, 7 min 15 seg), de Eduardo Dall'Agnol (PUCRS) Sessões: 1º de agosto, 16h; 8 de agosto, 19h

**TERRA ESTRANGEIRA** (Brasil, 1996, 100 min), de Walter Salles e Daniela Thomaz + **NA LATA** (Brasil, 2012, 13 min 34 seg), de Daniel Camargo e Gabriela Martins (PUCRS) Sessões: 1º de agosto, 19h; 2 de agosto, 16h

**O MENTIROSO** (Brasil, 1988, 101 min), de Werner Schünemann + **COMO SER UM GRANDE ESCRITOR** (Brasil, 2010, 4 min 48 seg) dir. Guilherme Petry (UFRGS) + **A PROPOSTA** (Brasil, 2012, 6 min 10 seg), de Sedenir Medeiros Junior (UFRGS) Sessões: 2 de agosto, 19h; 15 de agosto, 19h; 22 de agosto, 16h



**CINEMA, ASPIRINAS E URUBUS** (Brasil, 2004, 90 min), de Marcelo Gomes + **A ENTREVISTA** (Brasil, 2012, 11 min 11 seg), de Giordano Tronco (PUCRS) Sessões: 5 de agosto, 19h; 6 de agosto, 16h; 27 de agosto, 19h

**TAPETE VERMELHO** (Brasil, 2006, 102 min), de Luiz Alberto Pereira + **O CÃO** (Brasil, 2010, 9 min 40 seg), de Abel Roland e Emiliano Cunha (PUCRS) Sessões: 6 de agosto, 19h; 7 de agosto, 16h; 22 de agosto, 16h

**O CAMINHO DAS NUUVENS** (Brasil, 2003, 85 min),

de Vicente Amorin + **ROCCO** (Brasil, 2010, 15 min 47 seg), de Filipe Matzembacher (PUCRS) Sessões: 8 de agosto, 19h; 9 de agosto, 16h; 28 de agosto, 16h



**ÁRIDO MOVIE** (Brasil, 2006, 100 min), de Lírio Ferreira + **UM CONTO À DERIVA** (Brasil, 2011, 15 min 35 seg), de Germano de Oliveira (Unisinos) Sessões: 9 de agosto, 19h; 12 de agosto, 16h; 29 de agosto, 16h

**CARONEIROS** (Brasil, 2006, 52 min), de Martina Rupp + **LESÃO TREINANDO & O FILHOTE DE CACHORRO SELVAGEM** (Brasil, 2010, 15 min), de Tiago Rezende (Unisinos) Sessões: 12 de agosto, 19h; 13 de agosto, 16h

**CENTRAL DO BRASIL** (Brasil, 1998, 113 min), de Walter Salles + **RUA DA LIBERDADE** (Brasil, 2010, 5 min 40 seg), de Leandro Dias Engelke (PUCRS) Sessões: 14 de agosto, 19h; 29 de agosto, 19h

**A ÚLTIMA ESTRADA DA PRAIA** (Brasil, 2011, 93 min), de Fabiano de Souza + **MARCELO E ALICE** (Brasil, 2012, 14 min 12 seg), de Elissa Brito (Unisinos) Sessões: 15 de agosto, 19h; 19 de agosto, 16h

**DESCAMINHOS** (Brasil, 2009, 75 min), de Marília Rocha, Luiz Felipe Fernandes, Alexandre Baxter + **O PERTENCENTE** (Brasil, 2009, 5 min), de Gabriel Faccini (Unisinos) Sessões: 16 de agosto, 19h; 19 de agosto, 16h

**UMA LONGA VIAGEM** (Brasil, 2012, 97 min), de Lucia Murat + **FLORESTA NEGRA** (Brasil, 2009, 15 min 52 seg), de Anderson Meinen (Unisinos) Sessões: 19 de agosto, 19h; 20 de agosto, 16h

**IRACEMA – UMA TRANSA AMAZÔNICA** (Brasil, 1976, 91 min),

de Jorge Bodansky e Orlando Senna + **O MATADOR DE BAGÉ** (Brasil, 2012, 15 min) de Felipe Lesbick (Unisinos) Sessões: 20 de agosto, 19h; 21 de agosto, 16h

**O PALHAÇO** (Brasil, 2011, 88 min), de Setton Mello + **DEPOIS DA PELE** (Brasil, 2010, 14 min 10 seg), de Márcio Reolon e Samuel Telles (PUCRS) Sessões: 22 de novembro, 19h; 23 de novembro, 19h; 30 de novembro, 16h

**HOTEL ATLÂNTICO** (Brasil, 2009, 107 min), de Suzana Amaral + **ALICE NA CAMA** (Brasil, 2012, 6 min 38 seg), de Fernando Bassani (PUCRS) Sessões: 23 de agosto, 19h; 26 de agosto, 16h



**ESTRADA PARA YTHACA** (Brasil, 2010, 70 min), de Guto Parente, Luiz Pretti, Pedro Diógenes, Ricardo Pretti + **QUEM É ROGÉRIO CARLOS?** (Brasil, 2009, 14 min 2 seg), de Rogério Carlos (Unisinos) Sessões: 26 de agosto, 19h; 27 de agosto, 19h; 30 de agosto, 19h

### Sessões acessíveis na Sala Redenção

Exibição de filmes com recursos de acessibilidade.

**MENOS QUE NADA** (Brasil, 2012, 105 min), de Carlos Gerbase O tratamento de um doente mental interno há dez anos num hospital psiquiátrico, esquecido pela família, pelos amigos e pela sociedade. Sessões: 7 de agosto, 19h, com AD; 14 de agosto, 19h, com legenda

### 1.ª Mostra Universitária de Curtas – MOUC

Mostra criada pela estudante de Publicidade e Propaganda da UFRGS, Juliana Balheiro, em parceria com a Sala Redenção. Serão exibidos 17 filmes no início de cada sessão do ciclo Cinema Brasileiro na Estrada.

### História da Arte e Cinema: Heterotopias

O ciclo explora temas da história da arte a partir da tela do cinema. Coordenação do professor Luís Edegar Costa. Sessões com entrada franca e seguidas de debates na Sala Redenção.

**FRENCH CANCAN** (*French Cancan*, 1954, 102 min), de Jean Renoir Filme inspirado na vida do criador do *Moulin Rouge*, Jean Renoir, filho do célebre pintor Pierre-Auguste Renoir. Comentador: Luís Edegar Costa, professor de História da Arte do IA-UFRGS. Sessão: 21 de agosto, 19h

### CineDebate Direitos Humanos

Ciclo que propõe uma reflexão crítica sobre múltiplos temas em direitos humanos. Coordenação de Giancarla Brunetto e curadoria de Nykolos Friedrich Von Peters Correia. Sessões na Sala Redenção com entrada franca.



**ANTES DA CHUVA** (*Before the rain*, Macedônia, 1994, 113 min), de Micho Manchevski Tendo como pano de fundo a complicada situação política da Macedônia, três histórias misturam-se, criando um perfil da Europa moderna. Comentadores: Giancarla Brunetto (Liga DH/UFRGS) e Christian Perrone (UFRGS). Sessão: 28 de agosto, 19h

## ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa**  
Senhor dos Passos, 248  
Fone: 3308-4318

► **Praça Central do Câmpus do Vale**  
Av. Bento Gonçalves, 9.500  
Fone: 3308-3933

► **Departamento de Música**  
Rua Senhor dos Passos, 248, sala 62  
Fone: 3308-4325

► **Sala Alzira Azevedo**  
Salgado Filho, 340  
Fone: 3308-4318

► **Sala João Fahrión**  
Paulo Gama, 110 – 2.º andar  
Fone: 3308-3933

► **Sala Redenção**  
Luiz Englert, s/n.º  
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**  
Paulo Gama, 110  
Fone: 3308-3058

## ESPECIAL

### Ópera na UFRGS

Projeto do Instituto de Artes com o apoio das pró-reitorias de Planejamento, Pesquisa e Extensão da Universidade.

#### ORFEU

A montagem do clássico do barroco italiano realizada por professores e alunos do IA traz para o público de hoje esta ópera composta em 1607, injetando novos elementos cênicos. Direção geral de Alfredo Nicolaiewsky. Sessões: 1.º, 2.º, 3 e 4 de agosto  
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, de quinta a sábado, às 20h; no domingo, às 17h  
Duração: 1h30  
Entrada franca, mediante retirada de senhas a partir das 14h do dia 29 de julho, no setor de Comunicação do Instituto.

### Encontros Acadêmicos

Atividades com os conferencistas convidados do Fronteiras do Pensamento. Inscrições: [www.difusaocultural.ufrgs.br/agendamento](http://www.difusaocultural.ufrgs.br/agendamento)

**KWAME ANTHONY APPIAH**  
Teórico cultural ganês. Mediação: Jane Tutikian  
Data: 13 de agosto  
Local e horário: Sala II do Salão de Atos, 14h

**PETER SINGER**  
Professor na Universidade de Princeton. Mediação: Rui Vicente Oppermann  
Data: 26 de agosto  
Local e horário: Sala II do Salão de Atos, 10h  
Inscrições: [www.difusaocultural.ufrgs.br/agendamento](http://www.difusaocultural.ufrgs.br/agendamento)

## TEATRO

### Teatro, Pesquisa e Extensão

Mostra de espetáculos criados pelos alunos do curso de Teatro da UFRGS.

**O QUARTO ROSA**  
Casal de amantes se encontra em um quarto totalmente decorado em tons de rosa. O jogo de sedução é interrompido pela chegada de um terceiro personagem que é afetado pelo ambiente sufocante. A peça foi criada por Gabriela Boccardi para a disciplina de Composição Cênica, sob a orientação da professora Inês Marocco. Elenco: Luiz Alves, Manoela Wolf e Rodolfo Leme. Sessões: 7, 14, 21 e 28 de agosto  
Local e horário: Sala Alzira Azevedo, 12h30 e 19h30  
Entrada franca

## MÚSICA

### Unimúsica 2013 – Série Lusamérica, Canções

Brasil, Angola e Portugal se encontram na voz de Jussara Silveira.



**A TRILOGIA DA LUSOFONIA**  
Show que mistura o repertório dos discos *Ame ou se mande*, *Flor bailarina* e *Água Lusa*. Jussara terá a companhia do baterista Sacha

Amback e do pianista Marcelo Costa.  
Data: 1.º de agosto  
Local e horário: Salão de Atos, 20h  
Retirada de senhas a partir de 29 de julho, das 9h às 18h, no mezanino do Salão de Atos da UFRGS ou pelo site [www.difusaocultural.ufrgs.br](http://www.difusaocultural.ufrgs.br)

### Vale Doze e Trinta

Iniciativa que procura estimular a convivência artística e cultural no Câmpus do Vale.

**APANHADOR SÓ**  
Show que apresenta o novo trabalho do grupo, intitulado *Antes Que Tu Conte Outra*.  
Data: 6 de agosto  
Local e horário: Praça Central do Câmpus do Vale, 12h30  
Entrada franca

### Núcleo da Canção

Projeto amplia o espaço reservado à troca de conhecimentos sobre canção popular brasileira de forma transdisciplinar.



**MAÇAMBIQUES, QUI-CUMBIS E ENSAIOS DE PROMESSA**  
Luciana Prass discute as práticas musicais afro-gaúchas a partir de pesquisa etnomusi-

cológica realizada em comunidades quilombolas do RS.  
Data: 19 de agosto  
Local e horário: Sala João Fahrión, 19h  
Inscrições: [www.difusaocultural.ufrgs.br](http://www.difusaocultural.ufrgs.br)

### Interlúdio

Projeto que promove recitais ao meio-dia e trinta no Câmpus Centro. Apresentações com entrada franca.

**ANONYMMI QUATTUOR**  
Apresentação do quarteto vocal especializado no repertório vocal da Renascença. Integram o grupo: Úrsula Collischn (soprano), Leticia Grützmann (contralto), Lucas Alves (tenor) e Francis Padilha (barítono).  
Data: 30 de agosto  
Local e horário: Sala II do Salão de Atos, 12h30

## Meu Lugar na UFRGS

### Voluntária da Justiça

Entre sem bater, diz o cartaz afixado na porta de acesso ao Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (SAJU), que fica no térreo do prédio histórico da Faculdade de Direito da UFRGS. Setor que Jéssica Becker Moraes frequenta desde o segundo semestre do curso e com o qual continua colaborando inclusive depois de sua formatura, que ocorreu no segundo semestre do ano passado: “Mesmo quando não tenho atendimento marcado, apareço para falar com o pessoal ou atender ao telefone”, ilustra.

Ela conheceu o Serviço por intermédio de um colega que já participava do SAJU e a convidou a fazer parte da equipe. Sua adesão, entretanto, foi lenta. No começo, colaborava exclusivamente com o trabalho das quintas-feiras à noite, das 19h às 21h, auxiliando no Grupo de Direito Civil, Família, Trabalhista e Previdenciário. Pouco tempo depois, assumiu a secretaria como bolsista, com a qual continua colaborando e – sempre que possível – atende aos telefonemas ou às pessoas que chegam pela primeira vez ao Serviço.

Atualmente, como advogada, Jéssica também participa do Grupo de Mediação de Conflitos, uma das mais novas assessorias jurídicas do SAJU. Grande defensora dessa alternativa para resolver problemas entre partes, a recém-formada lamenta que ainda sejam poucos os casos encaminhados dessa forma. Entretanto, acredita que “muitas vezes as pessoas não precisam nem querer ajuizar e acham que podem resolver o conflito de uma forma que consideram mais adequada, baseadas em suas próprias experiências ou percepções de vida”.

Há cinco anos como colaboradora, Jéssica comenta que já acompanhou aproximadamente 20 processos, desde as primeiras consultas até a execução das causas. Ela recorda o primeiro caso que atendeu e que se tornou emblemático para explicar a importância desse trabalho para sua formação: “O SAJU te dá experiência com o atendimento à pessoa” – proximidade, segundo ela, impossível num órgão do Judiciário, no qual o contato é com os processos e não com os indivíduos: “Esse é um diferencial do Serviço”, garante.

Esse primeiro caso se refere a um senhor com deficiência visual que veio solicitar atendimento para ajuizar ação contra uma empresa aérea, que não se responsabilizara pelo furto de alguns de seus pertences retirados de sua bagagem. Transcorridos dois anos, e tendo sido dado ganho de causa ao senhor, ele retornou ao SAJU para agradecer: “O sorriso de reconhecimento das pessoas vale muito a pena”, sintetiza.

Por conta deste e de outros processos dos quais tomou conta ou que já ajudou a solucionar, a jovem advogada assegura que o papel do

Setor vai além do caráter formativo para o aluno, contribuindo também para a transformação da comunidade envolvida, o que implica diferentes histórias pessoais que se modificam pela ação do Serviço. Histórias que ficam guardadas por trás das inúmeras portinholas, dispostas em toda a extensão do corredor do SAJU que interliga as quatro salas principais: a secretaria, duas salas de entrevista e uma sala de reuniões. No prédio da Faculdade de Economia existe outro espaço no qual são realizados atendimentos e reuniões.

Atualmente, 200 colaboradores atuam no Serviço, entre advogados formados (em variadas instituições), que são em torno de 40, e estudantes de Direito e de outros cursos da UFRGS, como Arquitetura, Economia. Estes colaboram especialmente no Grupo de Mediação de Conflitos, para o qual não é necessária formação específica, uma vez que chegam ao Setor questões como as que envolvem saúde mental, para as quais é recomendável uma abordagem psicológica. Nesse sentido, há também o trabalho com as comunidades: “Quem trabalha com a associação de catadores, por exemplo, não precisa conhecimento na área do Direito, basta vontade de ajudar”, explica.

Considerando um trabalho que envolve um grupo tão grande de colaboradores, cuja maioria é de estudantes, vem logo a pergunta: “Como são os momentos de confraternização?”. Não existem, garante Jéssica. Ela assegura que até já ocorreram iniciativas, mas não foram bem-sucedidas. Isso porque cada um dos 17 grupos tem um período de atendimento bastante específico, o que acaba dificultando encontrar dia e horário disponíveis a todos: “É bastante complicado, qualquer coisa que a gente vá fazer não pode interferir nos horários de atendimento, para não prejudicar a organização do próprio grupo”, argumenta.

Indagada se o SAJU ajudou-a a definir uma área de atuação em seu exercício profissional, Jéssica brinca dizendo que advogado recém-formado pega qualquer causa. Por outro lado, reconhece que foi o trabalho junto à Assessoria que a influenciou a fazer um segundo curso superior. Ela agora é aluna do Instituto de Psicologia da UFRGS, e uma de suas motivações foi (e continua sendo) o acompanhamento dos casos do Grupo de Mediação de Conflitos.

Jacira Cabral da Silveira

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

## Perfil

# Construindo outros caminhos

**Maria Aparecida Bergamaschi**  
*Ela trabalha por uma educação de qualidade*

Professora da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Educação, Maria Aparecida Bergamaschi, mais conhecida como Cida, dá aula de História. A sua trajetória começou em uma pequena cidade do interior, Putinga, próxima a Encantado e Guaporé. Quando morava lá, nem ensino médio havia. Para dar continuidade a seus estudos, mudou-se para Espumoso, onde fez também sua primeira graduação. “Foi em Educação Artística, mas nunca tive muita afinidade, apenas aproveitei a oportunidade de fazer o ensino superior”, revela.

Casada há trinta anos com Sérgio, tem uma filha de 27 anos e vai ser avó em setembro. “Estou começando uma fase nova da vida com o nascimento de minha primeira neta”, conta com felicidade no rosto. Aos 53 anos, é uma pessoa muito caseira, que gosta de mexer em sua horta e conversar com os vizinhos. Tem na natação a sua atividade física, pois, como diz, “acho sempre muito lúdico esse contato com a água, mesmo que em uma piscina”. Ela tem consciência de que saiu muito cedo de casa porque precisava, “era uma questão de continuar meus estudos em uma cidade maior, pois onde eu morava não tinha”, observa. Sabe que sua família aceitou a mudança para que ela pudesse ter um futuro melhor.

**Ensino na periferia** – Há 32 anos, veio morar em Porto Alegre para cursar História na Faculdade Porto-alegrense (FAPA). Como já havia concluído uma licenciatura, dava aula de dia e estudava à noite. Foi professora estadual durante muito tempo e também trabalhou em um projeto de alfabetização da educação popular em comunidade da zona norte da capital. Quando Olívio Dutra foi prefeito de Porto Alegre, atuou na Secretaria Municipal de Educação (SMED), no antigo Departamento de Ativação Curricular. “Trabalhávamos com os professores aspectos pedagógicos para qualificar e aperfeiçoar o ensino na periferia”, lembra Cida.

Depois que saiu da Secretaria, colaborou na Escola do Sindicato dos Metalúrgicos e no Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação. Na sequência, fez mestrado na PUCRS. “Achei que deveria me dedicar a estudar e formalizar essas experiências”, confessa. Logo depois, em 1996, entrou como professora substituta na Faced. Dois anos mais tarde, foi aprovada em um concurso docente e, atualmente, dá aula de *História da Educação e Povos Indígenas, Educação e Escola* na graduação. Na pós-graduação, realiza seminários sobre diversidade e interculturalidade em relação à cultura indígena, além de orientar trabalhos de estudantes.

“Estava preparando minhas aulas de *História da Educação* e quis priorizar a história da educação dos negros, das mulheres e dos indígenas, mas não encontrei material”, recorda. Ainda por



cima, não conseguiu acesso à escassa documentação que localizou sobre o Rio Grande do Sul. Então procurou a Secretaria da Educação do Estado, porque sabia que as escolas indígenas existiam e desejava aprender mais sobre elas. Começou a participar de reuniões do Núcleo de Educação Indígena e, quando chegou o momento de apresentar seu projeto de pesquisa para o doutorado, lembrou de um antropólogo da Secretaria que reclamava da ausência de pesquisa em educação indígena. “Pensei, então, que eu poderia fazer”, diz Maria Aparecida. Conversou com a professora Malvina do Amaral Dorneles, que concordou em ser sua orientadora, mesmo sem nunca ter orientado um trabalho dessa natureza. “Sempre tive esse engajamento de querer construir outros caminhos na sociedade”, conta a ex-militante que foi filiada ao PT desde o surgimento do partido. “No ambiente familiar, busquei construir relações mais verdadeiras na educação da minha filha, com a natureza, com as pessoas”, relata.

**Por dentro das aldeias** – Cida começou a visitar as aldeias e conheceu as lideranças indígenas e as escolas. Era preciso quebrar o gelo inicial, pois, como observa, “eles não abrem as portas para qualquer um. Primeiro, querem conhecer profundamente a pessoa, para saber se podem confiar, se vai manter a continuidade de trabalho”. E não apenas ela fez tentativas para se conhecerem, como eles também a quiseram conhecer. “Dediquei tempo para ficar em várias aldeias, conhecer as comunidades, inserir-me no movimento dos povos indígenas. [...] Queria sentir como era o cotidiano, o que comem, como tomam banho e o que fazem”, descreve a professora. Institucionalmente, propôs na Faced projetos que promovessem o diálogo entre a educação e as escolas guarani.”

Na época, havia 14 escolas nas comunidades guaranis. Cida visitou as mais próximas de Porto Alegre, como a Cantagalo, localizada em Viamão. Outra com a qual ela mantém relação muito forte é a Tekoa Anhetengua, na Lomba do Pinheiro. Até hoje, alunos seus fazem trabalhos na aldeia. A professora lembra como se aproximou da comunidade: “O cacique veio aqui com uma antropóloga porque queria a assessoria da Faculdade para debater com seu povo a criação de uma escola indígena. Em 2003, foi criada essa escola”. A partir daí, os índios começaram a analisar de que maneira eles poderiam ingressar na UFRGS. Em 2005, Cida concluiu seu doutorado, que recebeu o prêmio de melhor tese na área da educação pela Capes. “Fiquei muito orgulhosa, porque era um tema que me deixava com certo receio. Naquela época não havia muitos estudos sobre educação indígena. Senti-me muito honrada porque comprovei a necessidade de pesquisa na área”, conta.

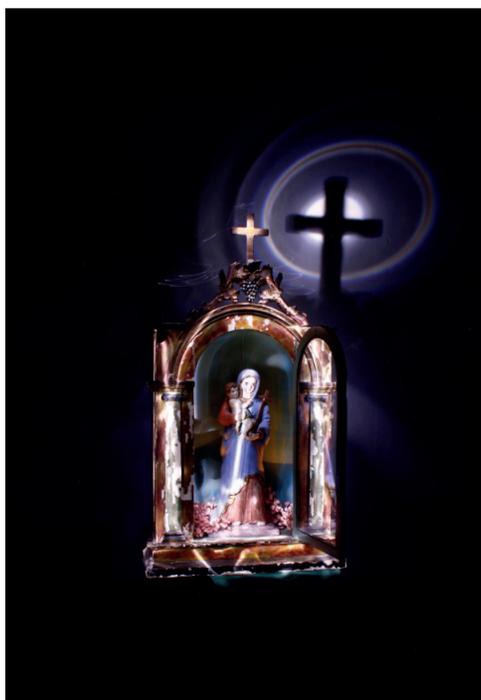
Em 2010, o Programa de Pós-graduação em Educação teve seu primeiro estudante indígena. Zaqueu Claudino, ou Jópri Krênor, em kaingang, foi orientado por Cida e defendeu sua tese no final de junho deste ano. “Eu estava tratando com intelectuais que não tinham a parte da academia, mas uma formação oral e um conhecimento tradicional muito fortes. Tenho outro orientando agora. São pessoas que têm uma maturidade de vida, mas cuja concepção foi formada desde outra cosmologia”, relata. Ela considera que essas orientações apresentam uma dificuldade muito grande, mas acredita que o maior desafio seja dos alunos, pois estão abrindo um novo caminho para a sua comunidade.

Manuela Martins Ramos, estudante do 5.º semestre de jornalismo da Fabico



**Você tem o seu lugar na UFRGS?**

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



# Uma noite no museu

FOTOS LILIANE GIORDANO E MYRA GONÇALVES TEXTO FLÁVIO DUTRA

Pintar, escrever ou desenhar com a luz são algumas das versões mais correntes para o que nos acostumamos chamar de fotografia. Expressões corretas, se pensarmos na ideia da impressão da forma luminosa sobre uma superfície, mas questionáveis na perspectiva do decorrer do tempo no qual pintar, escrever e desenhar estão relacionados e que são diferentes do tempo fotográfico. Em uma de suas sacadas famosas, Henri Cartier-Bresson (que, ao dar-se conta de que a fotografia perdia espaço para a televisão como elemento de comunicação pela imagem, deixou-a de lado, voltando-se às suas origens no lápis-carvão) escreveu e disse várias vezes em entrevistas que a fotografia é como um tiro, já o desenho ou a pintura seriam como formas de meditação. Algumas técnicas fotográficas “resolvem” – talvez de uma maneira quase inocente – este suposto impasse. Nas fotos desta página, as fotógrafas Liliane Giordano e Myra Gonçalves misturam desenho, luz, pintura, forma e cor com o passar do tempo, utilizando uma técnica, o *lightpainting*, e um espaço, o museu, que por natureza se relaciona com as noções de decorrência, de permanência, de duração. Como cenário e como objeto de investigação, utilizaram o Museu Municipal de Caxias do Sul, um prédio que, além de testemunha dos acontecimentos e do ritmo da cidade, é cenário da vida de várias gerações. As peças e objetos dispostos são resquícios materiais que permitem o reconhecimento da cultura relacionada, principalmente, aos desdobramentos da imigração e colonização europeia em nosso estado, com predominância italiana a partir de 1875. Além disso, convidaram algumas das pessoas importantes para a constituição do acervo para posar em retratos que brincam com a pose e, novamente, com o tempo.

A exposição *Uma noite no museu* integra o projeto Unifoto e será inaugurada no dia 3 de setembro. As imagens poderão ser conferidas a partir dessa data no saguão da reitoria da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110).

**MYRA GONÇALVES** É FORMADA EM ARTES VISUAIS PELO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS, COM MESTRADO EM POÉTICAS VISUAIS PELA MESMA INSTITUIÇÃO. ATUALMENTE, É PROFESSORA NA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, NA FEEVALE E NO NÚCLEO DE FOTOGRAFIA DA FABICO.

**LILIANE GIORDANO** É FOTÓGRAFA FORMADA PELA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL.



## *Jovens que vão,*

# jovem que fica

### **Caminhos do campo**

*Um panorama da Metade Norte, que sempre foi reconhecida como próspera por conta da distribuição de terra, mas que sofre com o êxodo regional. E, ainda, as perspectivas para o fortalecimento da agricultura familiar que mantém alguns jovens bem-sucedidos no interior. Nesta edição, o JU tenta fazer um recorte atual sobre a região pela ótica de quem vive o melhor e o pior do campo.*

A dicotomia Região Norte rica versus Metade Sul pobre fica ultrapassada quando analisado o contexto rural dos municípios e a estrutura de ocupação da terra no Rio Grande do Sul. A predominância de pequenas propriedades não significa necessariamente a inclusão das pessoas em um sistema produtivo mais justo, ao mesmo tempo que este pode ser o caminho para evitar em parte o esvaziamento territorial. Especialistas, pesquisadores e moradores da Metade Norte observam que o êxodo campestre continua, talvez, assumindo diferentes formas, mas irreversível, enquanto iniciativas tentam convencer a juventude de que o interior é uma referência de vida melhor que o meio urbano.

Existem 440 mil propriedades e pouco mais de 330 mil jovens no campo. Uma simples conta mostra que mais de 100 mil unidades produtivas ficarão sem sucessores, mesmo que não se coloquem nesse somatório as pessoas que vão migrar em poucos anos para a cidade ou para outra região mais atrativa em termos de trabalho, lazer e comunicação. Do outro lado da balança, é no ambiente rural que está a maioria das famílias extremamente pobres, precisamente nos locais mais isolados, onde não há asfalto, e alguns serviços básicos, como saneamento, são escassos ou inacessíveis.

Entre as características predominantes do Norte gaúcho estão a persistência da pequena propriedade baseada na produção de soja como principal fonte de renda, o avanço do fumo e da produção leiteira nas propriedades familiares. Também se destaca o alto índice de população rural: figuram na região municípios com mais de 45% dos habitantes vivendo no campo, da mesma forma que a emigração, não somente rural, mas regional, aumenta em escala alarmante. O quadro é de taxas negativas quanto ao crescimento populacional. A

pobreza no interior também é expressiva. Em Redentora, onde 40% da população é indígena, encontra-se um índice de 23% de pessoas extremamente pobres, segundo dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O mesmo levantamento mostra que as taxas de analfabetismo são muito maiores que a média do estado, que é de 5%. Em municípios do Médio Alto Uruguai, o índice ultrapassa os 15% dos moradores.

A expansão da fucicultura também representa um problema, considerando que a produção agrícola chega a 13% na Região Norte, enquanto a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco torna obrigatórios o compromisso com a diversificação do cultivo agrícola e a gradual redução do plantio de fumo. Em função das distâncias, a região também não é um polo atrativo para as indústrias, e os acessos asfálticos aos municípios são precários. Esses são alguns pontos que podem explicar o esvaziamento relativo de algumas áreas mais setentrionais, em especial na divisa com o rio Uruguai, e que derrubam a teoria de prosperidade da região.

Por outro lado, medidas como a expansão do ensino superior e o incentivo à agroindustrialização representam um esforço público e comunitário para que as propriedades rurais tenham sucessores. A discussão sobre a sucessão é fundamental para que municípios não sejam completamente abandonados. Simultaneamente, é consenso que o desenvolvimento regional passa pela aplicação de políticas que não sejam pautadas predominantemente pela indústria, levando em consideração a pouca atratividade e dinamicidade que a região tem. O fortalecimento da diversificação das lavouras, com a geração de renda, do turismo rural e do acesso à comunicação são fatores importantes para a juventude escolher permanecer no lugar em que cresceu.

# Escolhas para um futuro melhor

O geógrafo Marcelo Conterato considera que a vinculação da pobreza ao meio rural tem fundamental relação com o tipo de agricultura que se reproduz. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (GE-PAD) do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade, ele confirma que o monocultivo da soja e o avanço do fumo sobre a Região Norte do estado vêm determinando a persistência da miséria. “Boa parte da produção familiar é baseada somente no cultivo da soja, grão que tem baixo valor agregado. Além disso, o produto sofre com a variação do mercado global e da taxa de câmbio, sendo dependente da disposição da China de importar. Os defensivos e adubos são praticamente todos importados. A persistência da pobreza pode ser explicada por esses fatores. É um cenário bem distinto do observado na Metade Sul, no qual os históricos vínculos com a grande produção extensiva transformaram os agricultores em fornecedores de força braçal e não produtores de alimentos para subsistência”, sustenta.

Em regiões como o Médio Alto Uruguai, que compreende 22 prefeituras e uma população rural maior que 40% em quase todos os municípios, em pelo menos 11 cidades a sojicultura domina. Já o cultivo de tabaco se sobressai em seis municípios, com mais de 20% de área plantada. Para Marcelo, a explicação poderia ser atribuída ao solo, que é pobre, e ao relevo acidentado. Porém o pesquisador lembra que a Serra também tem terra ruim, mas uma economia agrícola desenvolvida. “A diferença está nas formas de integração mercantil entre produto e força de trabalho. A organização da agricultura é completamente diferente; não há produção de commodities. A fruticultura é valorizada por conta da agregação de valor na cadeia do vinho, que tem ciclos curtos de produção e consumo. Nessas outras regiões, se produz soja e fumo, que não são alimentos e não há controle do capital?”

Trabalhando há mais de duas décadas como extensionista rural da Emater em Jóia, município do Noroeste do estado, Jair Callai Bazzan convive com os agricultores de oito assentamentos do município e teme as consequências do avanço da monocultura sobre áreas nas quais ainda predomina a agricultura familiar. “Depois de tanta luta pela reforma agrária e pela divisão das terras, a reconcentração fundiária pode acontecer. Pelo menos 30% das propriedades não vão ter sucessores, e os pequenos agricultores não compram as terras do vizinho que abandona o interior. No máximo, arrendam. Quem tem poder de compra são os donos das 27 fazendas de monocultura da soja”, lamenta.

**Esvaziamento demográfico** – Os vazios demográficos estão aumentando no Rio Grande do Sul. A fronteira, cuja agri-



cultura é baseada nas grandes fazendas com plantações de arroz ou nas imensas extensões de terra destinadas à pecuária extensiva, e que sofre com a arenização em alguns municípios, não é mais vista como a principal região do êxodo rural. Já na metade Norte há vazios territoriais tanto no campo como nas cidades, num processo de abandono regional relativo, o que pode ser mais grave em termos socioeconômicos.

Dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE) revelam que a Região Ceileiro, que tem em Redentora o município com o maior índice de extrema pobreza rural do estado, apresentou em dez anos um decréscimo populacional de mais de 8 mil habitantes. Número expressivo, se considerarmos que é calculado sobre uma população de 149 mil pessoas distribuídas em 21 sedes municipais. Além disso, o campo foi abandonado por mais de 13 mil habitantes entre 2000 e 2010. Nas Missões, a taxa de diminuição populacional foi ainda maior no mesmo período, onde foi registrado índice de -0,57% ao ano.

“Existem áreas que tendem a se tornar mais pobres, se compararmos o número de pessoas como correspondendo à produção de riqueza e à mão de obra ativa. É claro, nem sempre podemos fazer essa relação, pois pode haver concentração fundiária, o que eleva o PIB da região, mas não significa absolutamente distribuição de riqueza. É o caso do Planalto Médio, região em que se sobressai a sojicultura e que registra um crescimento anual de população nas cidades de Passo Fundo e Carazinho. Ao redor desses municípios, observa-se o abandono do meio rural e a concentração de terras: onde havia dez famílias, agora há duas, e o produtor mais capitalizado foi aquele que conseguiu mais financiamento

para comprar as propriedades”, relata o professor do PPG em Geografia da UFRGS Aldomar Rückert, que atua com análise territorial e desenvolvimento regional e rural.

**Um craque fora do gramado** – Entre idas e vindas, Mauro Slaviero Júnior já está há quatro anos fora do campo em que cresceu ajudando a tocar a chácara dos pais. Aos 20 anos, não sabe exatamente o que o futuro lhe reserva, mas reconhece que voltar à zona rural é um panorama de vida muito distante. O que determina essa indecisão? O acalentado sonho de ser volante em um grande clube. Incentivado pelo pai, ele buscou oportunidades fora do ambiente da produção da agricultura familiar.

Mas o sonho se desfez depois de algumas experiências jogando em Passo Fundo, São Paulo e Portugal. Quando ainda morava em Sertão, município situado a 40 quilômetros de Erechim, foi descoberto por um empresário que lhe abriu as portas do Esporte Clube Passo Fundo. De lá, aos 16 anos, teve de voltar para casa alguns meses mais tarde. Segundo alegaram os dirigentes, o jovem não estaria rendendo conforme o esperado e deveria terminar o ensino médio. Voltou ao clube pouco tempo depois para logo embarcar em uma nova e curta jornada em São Paulo. Treinando em um clube empresarial, foi lá que o garoto fez o passaporte para a Europa, para também cair no jogo de empresários: “Fui para o exterior no escuro. Confesso que a ideia de ir para a Europa me seduziu, mas tem muita sacanagem nesse meio”, lembra Mauro. Após 14 meses sem voltar para casa e sem um clube, o jovem retornou para Sertão. Foi quando percebeu que dificilmente poderia ficar na casa dos pais. “Ter ido para o exterior me deu uma visão de

mundo que revoluciona, abre a mente.” Resolveu que precisava de um emprego, enquanto não decidia o que fazer depois do baque emocional e profissional.

Há nove meses, trabalha em uma loja de móveis em turno integral. Tempo para jogar, somente aos finais de semana, em campeonatos municipais. Apesar disso, propostas pouco concretas surgiram para atuar em clubes do interior. Enquanto isso, o emprego de vendedor sustenta as contas a pagar de uma casa alugada que divide com a prima de Maiara, que o leitor já vai conhecer. “Quem sabe se não vai surgir uma chance de ir para o Grêmio? Iria correndo!”, diz o jovem.

## Na Metade Norte, há vazios territoriais no campo e nas cidades

**Vida dividida** – Maiara Dall’Agnol Gradin cresceu numa comunidade rural do município de Sertão, saiu para cursar a faculdade e se formar em Geografia, mas sentiu que não poderia abandonar as raízes da infância. Quando casou com Sidimar, há três anos, decidiu que já era tempo de voltar. Retornar foi uma opção, mas abdicar da profissão nunca esteve no horizonte da professora de 25 anos. Além do preparo minucioso das aulas para os 250 alunos da Escola Estadual Ponche Verde, ela encontra tempo para deixar a

casa impecável, fazer compotas, ajudar a cuidar das vacas e cuidar de si mesma. “Planejamento é a chave na minha concepção. Tenho compromisso com minhas missões e cobro isso dos alunos. Acho que sou até exigente demais, mas eles são ótimos”, considera.

A cumplicidade com o marido também tem papel fundamental. Apesar de ele já ter pedido para que ela abandonasse as aulas e a rotina estafante, com Maiara não há negociação. A renda garantida do contrato de 40 horas é importante na visão da professora. “Além disso, quero continuar estudando. Seja outra graduação ou um mestrado, ainda não sei. Mas vou fazer algo em breve”, garante.

A preocupação dela com uma fonte de renda garantida pode parecer exagerada, já que a bela propriedade na qual vivem também os sogros tem mais de cem hectares de soja plantados no verão, revezados com os cultivares de inverno, que deixam a mesa farta. Além disso, a pecuária leiteira garante renda fixa e contínua à família, que não fica refém dos prejuízos em anos de seca. “Não consigo entender por que os jovens têm abandonado o campo. Duvido que qualquer emprego na cidade remunere como a produção de leite. Com dez boas vaquinhas, dá para garantir uma renda de até R\$ 4 mil por mês”, pondera o sogro, Claudir Gradin, que também colhe cerca de seis mil sacas de soja ao ano.

A chave para a felicidade, segundo Maiara, é o poder de decisão sobre a própria vida. Para os alunos, gosta de passar uma receita de simplicidade. “Procuro mostrar a eles que quem faz o lugar somos nós mesmos. A vida não será boa se não acolhermos o local onde vivemos como nosso. Nós construímos nosso próprio futuro.” Na opinião da professora, essa é a explicação para ter retornado de coração aberto para casa.

2



## Números do êxodo



Entre 2000 e 2010, a região registrou uma perda de mais de **8 mil habitantes**



O analfabetismo **ultrapassa os 8,5%** entre pessoas acima de 15 anos



Redentora, município de 9 mil habitantes, apresenta **23% da população** em situação de **extrema pobreza**

### REGIÃO CELEIRO

- 21 municípios
- 141.482 habitantes



FONTE: IBGE E FEE

## O Rio Grande que ninguém quer

No estado, 170 mil pessoas recebem o Bolsa Família, mas certamente um número maior de famílias tem direito ao benefício. São pessoas que não têm sequer identidade. Na visão da extensionista social da Emater Regina Miranda, as pessoas sem certidão de nascimento não são ninguém para o ente "Estado". Ela critica o levantamento do próprio IBGE, que não pode ser realmente confiável quando se fala em extrema pobreza. "Como pode ser real se a pesquisa é baseada naqueles que têm documentação, domicílio e energia elétrica? Existem centenas de pessoas completamente esquecidas. Podemos citar o absurdo do registro de nascimento ser cobrado. Na cidade, o pai ainda pode pegar um ônibus e ir ao cartório. Mas como fazer isso no campo, onde as dificuldades de acesso são imensamente maiores? A extrema pobreza não aparece e ninguém quer ver", sustenta.

Fabiane Terezinha de Lima, até pouco tempo, era uma dessas pessoas invisíveis, assim como o marido e os cinco filhos. Morando em uma comunidade cortada por morros de solo pouco fértil e estradas de pedregulhos, na qual recentemente foi implantado o transporte escolar, mas que continua sem condução para levar à cidade de Itatiba do Sul, na divisa com Santa Catarina, ela ainda não tem moradia própria. A família de Fabiane vive em um pedaço de terra

emprestado, no qual nem um pequeno trator poderia passar, de tão acidentado o terreno. Para ter uma renda, ela e o marido dependem de ser chamados para a prestação de serviços na plantação ou na colheita de soja ou milho em fazendas distantes.

Com a inclusão recente no Bolsa Família e a manutenção das crianças, com idade entre sete e 17 anos, na escola, Fabiane acredita que a vida começa a melhorar. "Compro comida e algumas coisinhas para as crianças." E parece faltar de tudo na casa de dois cômodos. A família foi uma das 50 da região a ser contemplada com o RS Mais Igual, programa de assistência para quem vive em condições degradantes no campo e na cidade. No Alto Uruguai, em seis municípios, 300 famílias foram selecionadas. Além de um complemento ao benefício de R\$ 70 do governo federal, os escolhidos recebem auxílio financeiro para colocar em prática um projeto de produção de alimentos para consumo próprio e, numa segunda etapa, para a geração de renda. Fabiane e a família ainda poderá receber uma casa mais digna com custo baixíssimo.

Já a filha Bruna, de 14 anos, sonha em ser policial. Deverá ser uma filha do êxodo. O garoto mais velho quer ser mecânico, indício de que a vida no campo não deverá servir para aqueles adolescentes que vivem muito distantes da realidade dos jovens extremamente conectados em seus celulares novos.



As histórias de Mauro Slaviero Júnior (1), Michelle Soares, Juciê Andreatta (2) e da família de Fabiane Terezinha de Lima (3) ilustram os diferentes tipos de vida na metade Norte do estado

## Amor entre o campo e a cidade

"Deus me livre de ter de continuar a cuidar das vacas. Isso seria um castigo! Só ajudo meus pais porque sou obrigada mesmo. Vou trabalhar na cidade e você fica cuidando daqui", diz Michele Soares ao namorado Juciê Andreatta, que, aos 23 anos, está convicto de que o lugar dele é no campo. Apesar do namoro recente, que completou sete meses, os dois já planejam a vida a dois. "Quero ser enfermeira, assim como minha irmã. Nós duas e outras amigas vamos agendar uma visita a um hospital para sabermos se realmente vamos aguentar a rotina e ver sangue", comenta a garota de 15 anos.

Juciê aceita as escolhas da namorada, mas não vai sair da propriedade da família, na comunidade de São João da Bela Vista, interior de Jóia, no Norte do estado. Apesar das sucessivas estiagens que atingem a região, os fenômenos meteorológicos não intimidam o jovem determinado, que, além do trabalho diário na propriedade dos pais, cursa Administração a distância a fim de ter mais subsídios para ampliar um negócio pioneiro para a região. Antes que ele e o sócio, Cristiano Fritz Golarth, resolvessem criar um aviário, ninguém fornecia ovos ao município, insumo básico para a alimentação. A parceria começou há três anos, quando os garotos tiveram de elaborar um projeto de vida para concluir o curso de gestão agrícola na Casa Familiar Rural da Região de Ijuí. Essa instituição de inspiração francesa surgiu na década de 80, na Região Sul do país, por meio de uma parceria entre entidades rurais, sindicatos e

prefeituras, com o objetivo de transferir conhecimento para a juventude rural.

A ideia era criar algumas aves de postura, mas uma pesquisa no mercado local de padarias e pontos comerciais mostrou que a aquisição inicial de 400 galinhas não seria demasiada. Como a atividade escolar consistia em ficar uma semana estudando e duas na propriedade para colocar os conhecimentos em prática, cada um dos meninos instalou um aviário em casa, onde os pais poderiam ajudar a cuidar dos animais até o final do curso de três anos. Com produção de 12 dúzias/dia na propriedade de Juciê e outras 22 dúzias/dia na avícola de Cristiano, a oferta ainda é insuficiente para a demanda. "Estou comprando mais galinhas, e a meta é passar a vender para outros municípios. É isso que vejo como meu futuro próximo", comenta Cristiano. Além da venda direta aos estabelecimentos comerciais de Jóia, parte da produção é entregue em creches e escolas por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Somada ao amor que os dois têm pelo campo, a geração de renda própria é o principal motivo para continuar em casa. "Posso comprar o que eu quiser sem ter de pedir dinheiro a meus pais. Agora vou em uma loja e escolho o tênis ou o celular que eu quiser sem dar satisfação. Além disso, tenho minha própria contabilidade sobre os custos e lucros da venda dos ovos", considera Juciê. A liberdade econômica permitiu que ele pudesse financiar uma caminhonete com crédito rural para a entrega da produção na

cidade. O financiamento poderá ser pago em dez anos com juros abaixo dos praticados pelo mercado. Quanto à vida afetiva, o jovem não vê qualquer problema em casar com uma enfermeira em vez de uma agricultora. Sorte da Michele.

**Pais atentos** – Logo que o garoto terminou o ensino médio, a família se reuniu para conversar sobre o futuro dele. Diferentemente do irmão William, que deverá cursar Direito em Ijuí e não quer retornar ao meio rural, Juciê preferiu ficar onde cresceu. Para a mãe, é um prêmio ter o filho por perto. "Desde pequeno ele gostava de estar na lavoura em volta do pai e das vacas. A decisão de ficar foi dele. Mas quem fica não pode parar de estudar. Mesmo gostando da produção do leite, achamos importante que ele tenha um negócio próprio com a contabilidade separada. O mais importante é tê-lo como sucessor. Isso significa que o trabalho de uma vida inteira valeu a pena", sorri Elaine Andreatta, entusiasta da escolha do filho.

Professora de História da Escola de Ensino Fundamental Dr. Edemar Kruehl, na cidade em que 98% das crianças e adolescentes vivem no campo, ela acredita que o único caminho para manter a juventude na área rural é a diversificação de cultivo e enaltece o projeto de horticultura implementado no colégio há mais de uma década. "Aqueles que são filhos de produtores da monocultura não vão ficar. Quando bate uma seca, é terrível, e vemos que essa é uma das principais causas do êxodo", observa.

## Políticas para a agricultura

O financiamento público tem sido uma das alternativas de subsídio para a agricultura das pequenas unidades produtivas. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) talvez seja o principal plano de crédito para os produtores rurais. Com diversas linhas, prazos de pagamento estendidos e período de carência, projetos individuais ou coletivos podem receber empréstimos. O professor Marcelo Conterato, do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, lembra que o financiamento público é fruto de lutas históricas dos movimentos ligados à agricultura da pequena propriedade, mas que ainda é usado de forma tradicional na lavoura de grãos. "O acesso não é mais uma dificuldade. O problema é que o PRONAF acaba fazendo mais do mesmo ao financiar commodities, atividades cada vez mais intensivas em tecnologias com menos mão de obra. Esse quadro colabora para que as pessoas migrem e o meio rural se esvazie mais e mais", considera.

Outro programa importante para centenas de produtores de baixa renda é o que concede crédito para a construção

de moradias no meio rural. O Programa Nacional de Habitação Rural atende grupos de, no mínimo, quatro famílias e de no máximo 50. As entidades representativas, como municípios, estados, sindicatos, cooperativas ou associações, devem apresentar um projeto para a Caixa Econômica Federal. As famílias com renda anual de até R\$ 15 mil podem receber R\$ 25 mil para construção ou R\$ 15 mil para reforma. Apenas 4% do valor subsidiado é devolvido à União.

Como fonte de geração de renda, apesar da dificuldade de organizar cooperativas de produtores para garantir a oferta contínua, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) tem sido importante para escoar o excedente da produção familiar. Por lei, 30% dos alimentos adquiridos nas escolas públicas devem ser provenientes da agricultura familiar, o que se tornou um incentivo para ampliar a política. A Secretaria da Educação do estado repassa recursos do Fundo Nacional da Alimentação Escolar para mais de 2 mil escolas em 397 municípios do RS. Cabe às prefeituras se inscreverem no programa para receber a verba.

# Motivos para partir...

Técnico rural da Emater em Sertão há 23 anos, Marcos Gobbo costuma comparar a atual situação de manutenção dos jovens no campo à dificuldade de reunir novamente a Associação Sertanense de Juventude Rural. “Em 2008, tínhamos 69 garotos e garotas que participavam de jogos, viagens e cursos de qualificação. Hoje são somente 25, e a tendência é pela redução.” A precariedade de opções de lazer tanto na área rural como na urbana e a falta de serviços com qualidade, como acesso à internet, também afastam os jovens. “Quando conversamos com a garotada, eles falam que a cidade tem diversas opções, e com o dinheiro do trabalho de um frentista é possível comprar vários bens”, resume.

O geógrafo Antônio Cargnin, que fez amplo estudo sobre os desafios do desenvolvimento regional que resultou em uma dissertação premiada nacionalmente, preocupa-se com o esvaziamento regional. Segundo o especialista, evitar o caminho campo-cidade é quase inviável. A questão fundamental é como manter a população nas regiões e evitar os “desertos populacionais”, e a solução deve passar pela qualificação dos municípios pequenos e médios da Metade Norte. “Nada vai dar certo se não houver esforços no sentido de melhorar a estrutura e a logística das cidades. Já existem muitas pessoas

vivendo nos municípios do Norte e Noroeste, bem menos que na Metade Sul, onde os índices de urbanização chegam a 90%, mas as cidades precisam ampliar os serviços de saneamento básico, acessibilidade, mobilidade e qualificação do ensino técnico. Essa política tem dado certo na área de atuação da Unipampa, na Fronteira Sul, por exemplo.”

Na opinião do pesquisador, a chave para desenvolver as regiões mais atrasadas, se comparadas com a Região Metropolitana e com o polo de Caxias, está em reverter a lógica do crescimento calcado em indústrias de grande porte. Áreas mais distantes não têm dinamicidade e padecem com a deficiência logística. Cargnin cita a recente disputa por uma planta da Fruki por dezenas de prefeituras no ano passado. “Houve um movimento muito grande dos municípios do Alto da Serra do Botucaraí – na região de Soledade, carente em geração de empregos – porque, se o investimento fosse para lá, seria uma esperança para o local. Mas a fábrica de chás acabou se instalando em Canoas, próxima à capital e à matriz em Lajeado. Esse é só um exemplo de que os rumos precisam ser alternativos”, sustenta o geógrafo, lembrando que as belas paisagens naturais são pouco exploradas na Metade Norte e não há integração de roteiros com o Salto do Yucumã.

Cargnin ainda destaca que as secas periódicas que atingem o RS impulsionam a migração regional. “Outro ponto extremamente importante para o Norte é o investimento em irrigação. O estado tem estiagens sazonais a cada dois anos. Nesses períodos, o debate sobre políticas públicas de investimentos é muito forte, mas no ano seguinte surgem novas prioridades, a discussão arrefece, e na próxima seca, mais prejuízos. Essa é outra explicação para o abandono não só do campo, mas regional”, sustenta um dos idealizadores do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul.

A pobreza no campo é outro fator ainda mais cruel, determinante para afastar as pessoas do interior. Em Jóia, mesmo trabalhando com agricultores familiares e com assentados, o extensionista Jair Bazzan fala de pelo menos uma comunidade esquecida na cidade. Na localidade do Espinilho, há 55 quilômetros da sede do município, existem 30 famílias em situação de miserabilidade. Não há água encanada nem saneamento básico, e o mais preocupante: não existe produção primária de alimentos para autoconsumo. “Essas pessoas sempre foram marginalizadas, não conhecem seus direitos e desconhecem como acessar as políticas públicas. Estão lá no fundão, onde ninguém as enxerga”, lamenta.

## ... e para ficar

O exemplo familiar de Juciê Andreatta converge com o que a pesquisadora Zenicléia Deggerone observou como requisitos para que os jovens sejam protagonistas da sucessão rural. Segundo a mestrandia em Ambiente e Desenvolvimento pela Univates, entre os fatores que possibilitam que a juventude permaneça no campo estão o diálogo entre pais e filhos, a concessão de renda e a organização de agroindústrias, justamente por permitirem a agregação de valor aos produtos rurais. “Quando os pais deixam os filhos se envolverem e controlar uma atividade agrícola, eles sentem vontade de manter um negócio que pode ser considerado deles. A bovinocultura leiteira é uma das alternativas, porque possibilita que os produtos sejam industrializados na propriedade com a geração de renda, algo que vai muito além da produção de alimentos para consumo próprio.”

Ao estudar a permanência de jovens no campo, usando como amostra a zona rural de Itatiba do Sul, no extremo norte do estado, Zenicléia percebe

que a comunicação também tem importância fundamental no processo de sucessão. “Não é somente o caso de ter acesso à internet. A questão é muito maior, porque as famílias precisam participar do circuito de informações novas que são trazidas pela juventude. São eles que estão conectados e estudam na cidade. Quando essa informação é vista como válida e é agregada ao modo de produção no meio rural, os filhos se sentem importantes no processo e podem permanecer na propriedade”, sustenta.

Ela acrescenta um dado da Emater que é considerado positivo para a região: um levantamento recente revelou que em Itatiba do Sul dos 114 jovens que vivem atualmente no campo, 69 pretendem permanecer, sendo que, destes, 41 são garotos. “Isso comprova que a atividade leiteira, expressiva no Alto Uruguai, é um fator relevante de permanência. Mas também mostra que as garotas não querem ficar no meio rural, o que é preocupante.”

*Para desenvolver as regiões mais atrasadas, deve-se reverter a lógica do crescimento calcado em indústrias de grande porte*

*Antônio Cargnin*

## Independência

Os irmãos Carina e Felipe Toniolo acharam motivação para continuar ajudando os pais no interior de Itatiba do Sul. A explicação é justamente a cadeia do leite. A partir da entrega do produto pasteurizado para a merenda escolar no interior e na sede do município do Alto Uruguai, a dupla encontrou algo que poderia lhes dar renda e torná-los independentes dos pais. Resolveram que a produção de queijos poderia ser o ás do baralho, e acertaram na aposta.

Ainda estudantes, os dois estão elaborando o selo da Produtos Coloniais Toniolo, que já conquistou clientes fiéis. Com o fornecimento da matéria-prima em casa, já que a produção diária chega a 170 litros de leite, boa parte entregue para uma empresa comercializadora, os dois contam com o apoio dos pais, que se responsabilizaram por montar a estrutura básica para a agroindústria, com a construção da sala de produção e a compra de um resfriador e de um freezer. A produção ainda é pequena, mas a renda já garantiu a viagem de Felipe, 16 anos, para a Jornada Mundial da Juventude, que aconteceu no final do mês passado no Rio de Janeiro.

Carina ainda enxerga que a propriedade dos pais, um modelo de agricultura familiar bem-sucedida e diversificada, precisa de um médico veterinário. No caso, ela mesma. Além das 17 vacas leiteiras, são produzidos frutas, feijão, milho e batata, que são comercializados entre os moradores da região há quase uma década. Essas atividades ocupam a família em tempo integral e, não à toa, a mãe da garota tem receio de que ela se afaste da chácara. “Quero que ela se capacite, será muito bom para nós, mas como cuidar de tudo isso sem a Carina aqui?”, questiona Marlize.

Apesar da preocupação da agricultora, a menina de 17 anos está determinada a ficar no interior. “Acho que o futuro deverá ser muito pautado pela importância da agricultura familiar. Todo mundo sai do campo, mas alguém tem de ficar, não é? A gente gosta daqui e percebe a oportunidade de produzir bons alimentos.” Mesmo que ela decida estudar fora, conta com o apoio do namorado, Marciano, que já se ofereceu para suprir a ausência dela enquanto a futura veterinária estiver em saídas de campo da faculdade.



Morando no interior de Itatiba do Sul, extremo Norte, os irmãos Carina e Felipe Toniolo (centro) decidiram permanecer na propriedade por conta da renda própria